

O partido na história do movimento operário

Encontro formativo de Isca!

30 de outubro de 2014 // A Corunha

Seleção de textos

Índice

1. Karl Marx e Friedrich Engels- Manifesto do Partido Comunista, fevereiro de 1848.
2. F. Engels- Cartas desde Londres, 1843.
3. Karl Marx e Friedrich Engels- Mensagem da Direcção Central à Liga dos Comunistas, Março de 1850.
4. F. Engels- O recente julgamento em Colónia, dezembro de 1852.
5. K. Marx- Carta a Ferdinand Freiligrath, fevereiro de 1860.
6. K. Marx- Manifesto inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores, outubro de 1864.
7. K. Marx- Instrução sobre diversos problemas aos delegados do Conselho Central Provisório, 1867.
8. K. Marx- Resolução da conferência inaugural da AIT, Londres 1871.
9. Friedrich Engels- Sobre a ação política da classe operária. Ata feita pelo autor do discurso na sessão da Conferência de Londres, o 21 de setembro de 1871.
10. K. Marx.- Carta a Friedrich Bolte em Nova York, 23 de novembro de 1871.
11. F. Engels- Cartas a Bebel do 28 de outubro de 1882.
12. F. Engels- Sobre a história da Liga Comunista, 1885 12-26 de Novembro de 1885)
13. F. Engels- Carta a Florence Kelly Wischnewetsky.
14. Karl Kautsky- O programa de Erfurt, 1891.
15. Vladimir Ilitch Uliánov, Lenin- Que fazer?, 1902
16. Lenin- O Estado e a Revolução, setembro de 1917
17. Lenin- O esquerdismo, doença infantil do comunismo, 1920.
18. Lenin- Carta ao Congresso, 1922-1923.
19. III Internacional- II Congresso: 21 condições de admissão na III Internacional Comunista- Agosto de 1920.
20. Antonio Gramsci- O partido e a revolução, 27 de dezembro de 1919.
21. A. Gramsci- Por uma renovação do partido socialista, 8 de maio de 1920.
22. A. Gramsci- Caderno do Cárcere nº 3 (1929-1935).
23. A. Gramsci- Caderno do Cárcere nº 13 (1929-1935).
24. A. Gramsci- Caderno do Cárcere nº 15 (1929-1935).
25. Fidel Castro- Discurso na Constituição do Comité Central do Partido Comunista de Cuba, 3 de outubro de 1965
26. Álvaro Cunhal- O Partido com paredes de vidro, 1985.
27. Á. Cunhal- As seis características fundamentais dun Partido Comunista, 2001
28. PAIGCV- Manual Político, Partido Africano para a Independencia da Guiné e Cabo Verde
29. KKE- Resolução do XVIII Congresso do Partido Comunista da Grécia, fevereiro de 2008

1- Manifesto do Partido Comunista, Karl Marx e Friedrich Engels (fevereiro de 1848)

I- Burgueses e proletários

A história de todas as sociedades que existiram até os nossos dias tem sido a história das lutas de classes (...) Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classes. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado. (...)

Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, que só podem viver se encontrarem trabalho e que só o encontram na medida em que este aumenta o capital. Esses operários, constrangidos a vender-se diariamente, são mercadoria, artigo de comércio como qualquer outro; em consequência, estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência a todas as flutuações do mercado. (...) A indústria moderna transformou a pequena oficina do antigo mestre da corporação patriarcal na grande fábrica do industrial capitalista. Massas de operários, amontoadas na fábrica, são organizadas militarmente. Como soldados da indústria, estão sob a vigilância de uma hierarquia completa de oficiais e suboficiais. Não são somente escravos da classe burguesa, do Estado burguês, mas também diariamente, a cada hora, escravos da máquina, do contra mestre e, sobretudo, do dono da fábrica. E esse despotismo é tanto mais mesquinho, odioso e exasperador quanto maior é a franqueza com que proclama ter no lucro o seu objectivo exclusivo. (...)

Ora, a indústria, desenvolvendo-se, não somente aumenta o número dos proletários, mas concentra-os em massas cada vez mais consideráveis; a sua força cresce e eles adquirem maior consciência dela. Os interesses e as condições de existência dos proletários igualam-se cada vez mais, à medida que a máquina extingue toda diferença do trabalho e quase por toda a parte reduz o salário a um nível igualmente baixo. Em virtude da concorrência crescente dos burgueses entre si e devido às crises comerciais que disso resultam, os salários tornam-se cada vez mais instáveis; o aperfeiçoamento constante e cada vez mais rápido das máquinas torna a condição de vida do operário cada vez mais precária; os choques individuais entre o operário e o burguês tomam cada vez mais o carácter de choques entre duas classes. Os operários começam a formar uniões contra os burgueses e actuam em comum na defesa de seus salários; chegam a fundar associações permanentes a fim de se prepararem, na previsão daqueles choques eventuais. Aqui e ali a luta transforma-se em rebelião.

Os operários triunfam às vezes; mas é um triunfo efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores. Esta união é facilitada pelo crescimento dos meios de comunicação criados pela grande indústria e que permitem o contacto entre operários de localidades diferentes. Ora, basta esse contacto para concentrar as numerosas lutas locais, que têm o mesmo carácter em toda a parte, numa luta nacional, numa luta de classes. Mas toda luta de classes é uma luta política. E a união que os

burgueses da Idade Média levavam séculos a realizar, com os seus caminhos vicinais, os proletários modernos realizam-na em poucos anos por meio das vias férreas.

A organização do proletariado em classe e, portanto, em partido político, é incessantemente destruída pela concorrência que fazem entre si os próprios operários. Mas renasce sempre e cada vez mais forte, mais firme, mais poderosa. Aproveita-se das divisões intestinas da burguesia para obrigá-la ao reconhecimento legal de certos interesses da classe operária, como, por exemplo, a lei da jornada de dez horas de trabalho na Inglaterra. (...) Todos os movimentos históricos têm sido, até hoje, movimentos de minorias ou em proveito de minorias. O movimento proletário é o movimento espontâneo da imensa maioria em proveito da imensa maioria. O proletariado, a camada inferior da sociedade actual, não pode erguer-se, pôr-se de pé, sem fazer saltar todos os estratos superpostos que constituem a sociedade oficial.

A luta do proletariado contra a burguesia embora não seja na essência uma luta nacional, reveste-se contudo dessa forma nos primeiros tempos. É natural que o proletariado de cada país deva, antes de tudo, liquidar a sua própria burguesia. (...)

Esboçando em linhas gerais as fases do desenvolvimento proletário, descrevemos a história da guerra civil, mais ou menos oculta, que lavra na sociedade actual, até a hora em que essa guerra explode numa revolução aberta e o proletariado estabelece a sua dominação pela derrubada violenta da burguesia.

II- Proletários e Comunistas

Qual a posição dos comunistas diante dos proletários em geral?

Os comunistas não formam um partido particular, oposto aos outros partidos operários.

Não têm interesses que os separem do proletariado em geral.

Não proclamam princípios particulares, segundo os quais pretenderiam modelar o movimento operário.

Os comunistas só se distinguem dos outros partidos operários em dois pontos: 1) Nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente da nacionalidade. 2) Nas diferentes fases por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam, sempre e em toda a parte, os interesses do movimento no seu conjunto. Praticamente, os comunistas constituem, pois, a fracção mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fracção que impulsiona as demais; teoricamente têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, da marcha e dos resultados gerais do movimento proletário.

O objectivo imediato dos comunistas é o mesmo que o de todos os demais partidos proletários: constituição dos proletários em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.

As concepções teóricas dos comunistas não se baseiam, de modo algum, em ideias ou princípios inventados ou descobertos por este ou aquele reformador do mundo. São apenas a expressão geral das condições reais de uma luta de classes existente, de um movimento histórico que se desenvolve sob os nossos olhos. A abolição das relações de propriedade que têm existido até hoje não é uma característica peculiar exclusiva do comunismo. (...)

IV- Posição dos Comunistas diante dos diversos partidos de oposição

(...) Os comunistas combatem pelos interesses e objectivos imediatos da classe operária, mas, ao mesmo tempo, defendem e representam, no movimento actual, o futuro do movimento. Aliam-se na França ao partido democrata-socialista, contra a burguesia conservadora e radical, reservando-se o direito de criticar as frases e as ilusões legadas pela tradição revolucionária.

Na Suíça, apoiam os radicais, sem esquecer que esse partido se compõe de elementos contraditórios, metade democratas-socialistas, na acepção francesa da palavra, metade burgueses radicais.

Na Polónia, os comunistas apoiam o partido que vê numa revolução agrária a condição da libertação nacional, isto é, o partido que desencadeou a insurreição de Cracóvia em 1.846.

Na Alemanha, o Partido Comunista luta de acordo com a burguesia, todas as vezes que esta age revolucionariamente: contra a monarquia absoluta, a propriedade rural feudal e a pequena burguesia reaccionária.

Mas nunca, em nenhum momento, esse Partido se descuida de despertar nos operários uma consciência clara e nítida do violento antagonismo que existe entre a burguesia e o proletariado, para que, na hora precisa, os operários alemães saibam converter as condições sociais e políticas, criadas pelo regime burguês, noutras tantas armas contra a burguesia, a fim de que, uma vez destruídas as classes reaccionárias da Alemanha, possa ser travada a luta contra a própria burguesia.

(...)

Em resumo, os comunistas apoiam em toda a parte qualquer movimento revolucionário contra o estado de coisas social e político existente.

Em todos estes movimentos, põem em primeiro lugar, como questão fundamental, a questão da propriedade, qualquer que seja a forma, mais ou menos desenvolvida, de que esta se revista.

Finalmente, os comunistas trabalham pela união e entendimento dos partidos democráticos de todos os países.

Os comunistas não se rebaixam a dissimular as suas opiniões e os seus fins. Proclamam abertamente que seus objectivos só podem ser alcançados pela derrubada

violenta de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à ideia de umha revolução comunista! Os proletários nada têm a perder nela a não ser as suas cadeias. Têm um mundo a ganhar.

2- Cartas desde Londres, F. Engels, 1843

«Sabido é que, na Inglaterra, os partidos se identificam com os degraus sociais e as classes; que os tories são idênticos à nobreza e à beata e rigidamente ortodoxa fração da alta igreja, enquanto os wights se recrutam entre os fabricantes, comerciantes e dissenters e, de modo geral, entre a alta classe média, a baixa classe média, os chamados "radicais" e o cartismo, por último encontra a sua força entre os trabalhadores, entre os proletários [...]. O socialismo não forma um partido político fechado, mas se recruta, geralmente, entre a baixa classe média e os proletários»

3- Mensagem da Direcção Central à Liga dos Comunistas, Karl Marx/Friedrich Engels, Março de 1850

"A Direcção Central à Liga

Irmãos:

Nos dois anos de revolução 1848-49, a Liga afirmou-se duplamente; por um lado, porque os seus membros intervieram energicamente no movimento por toda a parte, na imprensa, nas barricadas e campos de batalha, à frente nas fileiras do proletariado, da única classe decididamente revolucionária. A Liga afirmou-se, além disso, pelo facto de a sua concepção do movimento, tal como foi exposta nas circulares dos congressos e da Direcção Central de 1847, assim como no Manifesto Comunista, se ter mostrado a única correcta; pelo facto de as expectativas formuladas nesses documentos se terem plenamente realizado e a concepção das condições sociais do momento, antes só em segredo propagada pela Liga, estar agora na boca dos povos, abertamente apregoada nas praças públicas.

Ao mesmo tempo, a sólida organização inicial da Liga enfraqueceu significativamente. Uma grande parte dos membros, que participou directamente no movimento revolucionário, acreditou que passara o tempo das sociedades secretas e que bastava a acção pública. Alguns círculos e comunidades deixaram afrouxar e adormecer pouco a pouco as suas ligações com a Direcção Central. Assim, enquanto o partido democrático, o partido da pequena burguesia, se organizava cada vez mais na Alemanha, o partido operário perdia o seu único apoio sólido, quando muito permanecia organizado nalgumas localidades para objectivos locais e, por isso, no movimento geral, caiu inteiramente sob o domínio e a direcção dos democratas pequeno-burgueses. Tem de se pôr termo a este estado de coisas, tem de se estabelecer a autonomia dos operários. (...)

A reorganização da Liga só pode ser conseguida através de um emissário e a Direcção Central considera da maior importância que o emissário parta neste preciso momento, em que está iminente uma nova revolução, em que o partido operário deve, portanto, apresentar-se o mais organizado, o mais unânime e o mais autónomo possível, para não ser outra vez, como em 1848, explorado e posto a reboque pela burguesia. (...)

Não resta dúvida alguma que a democracia pequeno-burguesa alcançará por um momento a influência preponderante na Alemanha no curso de desenvolvimento da revolução. Pergunta-se, pois, qual vai ser, perante ela, a posição do proletariado e especialmente da Liga:

1. enquanto durarem as actuais condições, em que também são oprimidos os democratas pequeno-burgueses;
2. na próxima luta revolucionária, que lhes dará a preponderância;

3. após essa luta, durante o tempo da sua preponderância sobre as classes derrubadas e o proletariado.

1. No momento presente, em que os pequeno-burgueses democratas são oprimidos por toda a parte, eles pregam ao proletariado em geral a união e a conciliação, estendem-lhe a mão e aspiram à formação de um grande partido de oposição que abarque todos os matizes no partido democrático; isto é, anseiam por envolver os operários numa organização partidária onde predominem as frases sociais-democratas gerais, atrás das quais se escondem os seus interesses particulares e onde as reivindicações bem determinadas do proletariado não possam ser apresentadas por mor da querida paz. Uma tal união resultaria apenas em proveito deles e em completo desproveito do proletariado. O proletariado perderia toda a sua posição autónoma arduamente conseguida e afundar-se-ia outra vez, tornando-se apêndice da democracia burguesa oficial. Essa união tem de ser recusada, por conseguinte, da maneira mais decidida. (...)

Se os operários alemães não podem chegar à dominação e realização dos seus interesses de classe sem passar por todo um desenvolvimento revolucionário prolongado, pelo menos desta vez têm eles a certeza de que o primeiro acto deste drama revolucionário iminente coincide com a vitória directa da sua própria classe em França e é consideravelmente acelerado por aquela.

Mas têm de ser eles próprios a fazer o máximo pela sua vitória final, esclarecendo-se sobre os seus interesses de classe, tomando quanto antes a sua posição de partido autónoma, não se deixando um só instante induzir em erro pelas frases hipócritas dos pequeno-burgueses democratas quanto à organização independente do partido do proletariado. O seu grito de batalha tem de ser: a revolução em permanência.

Londres, Março de 1850"

4- O Recente Julgamento em Colónia, Friedrich Engels, 1852

"Tereis, antes disto, recebido pelos jornais europeus numerosos relatos do Julgamento Monstro de Comunistas em Colónia, Prússia, e dos seus resultados. Mas como nenhum dos relatos é algo de parecido com uma exposição fiel dos factos e como esses factos lançam uma luz brilhante sobre os meios políticos pelos quais o continente europeu é mantido na escravidão, considero necessário voltar a esse julgamento.

O partido comunista ou proletário, tal como outros partidos, com a supressão dos direitos de associação e reunião, perdeu os meios de dar a si próprio uma organização legal no continente. Além disso, os seus dirigentes tinham sido exilados dos seus países. Mas nenhum partido político pode existir sem uma organização; e aquela organização que tanto a classe burguesa liberal como a classe lojista democrática estavam em condições de mais ou menos fornecer pela situação social, vantagens e contacto diário há muito estabelecido entre os seus membros, a classe proletária, sem essa situação social e [esses] meios pecuniários, foi necessariamente compelida a procurá-la na associação secreta. Consequentemente, tanto em França como na Alemanha, surgiram aquelas numerosas sociedades secretas que, desde 1849, uma após outra, foram descobertas pela polícia e processadas como conspirações; mas, se muitas delas eram realmente conspirações, formadas com a intenção efectiva de derrubar o governo existente — e é um cobarde quem, em certas circunstâncias não conspirasse, assim como é um idiota quem, noutras circunstâncias, o fizesse — havia algumas outras sociedades que eram formadas com um objectivo mais amplo e mais elevado, que sabiam que contrariar um governo existente não era mais do que um estádio passageiro na grande luta iminente e que pretendiam permanecer unidos e preparar o partido, cujo núcleo formavam, para o último e decisivo combate que, mais tarde ou mais cedo, terá de derrubar para sempre na Europa a dominação, não de meros "tiranos", "déspotas" e "usurpadores", mas de um poder muito superior e muito mais formidável do que o deles, o do capital sobre o trabalho. (...)

Ora, de acordo com nenhuma lei ao cimo da terra, podia uma organização como esta ser chamada uma conjura, uma conspiração para fins de alta traição. Se era uma conspiração era uma [conspiração], não contra o governo existente, mas [contra] os seus prováveis sucessores. (...)

O governo podia suportar poucas das revelações tão escaldantes como as que vieram à luz durante o julgamento. E, no entanto, tinha um tribunal como a província renana ainda não tinha visto. Seis nobres, da mais pura água reaccionária, quatro senhores da finança, dois funcionários governamentais. Não eram homens para olhar de perto para a massa confusa de provas amontoadas diante deles durante seis semanas, quando continuamente ouviam repetir aos seus ouvidos que os acusados eram chefes de uma terrível conspiração comunista, erguida a fim de subverter tudo o que é sagrado — a propriedade, a família, a religião, a ordem, o governo e a lei! E, contudo, se ao mesmo tempo, o governo não tivesse dado a conhecer às classes privilegiadas que uma absolvição neste julgamento seria o sinal para a supressão do tribunal e que seria tomada como uma demonstração política directa — como uma prova de que a oposição liberal da classe média estava pronta a unir-se mesmo aos mais extremos

revolucionários — o veredicto teria sido uma absolvição. Tal como foi, a aplicação retroactiva do novo código prussiano permitiu ao governo ter sete prisioneiros condenados enquanto apenas quatro foram absolvidos, e os que foram condenados foram sentenciados de prisão variando entre três e seis anos, como, sem dúvida, já terão verificado na altura em que a notícia vos chegou.

5- Carta a Ferdinand Freiligrath, K. Marx., fevereiro de 1860.

"Faço-te notar, ante tudo, que desde novembro de 1852, quando a proposta minha a Liga foi dissolvida, nunca mais pertenci nem pertença a nenhuma associação, secreta ou aberta, e, por conseguinte, faz já oito anos que em este sentido, totalmente efêmero da palavra, o partido deixou de existir para mim [...] Lembra que recebi dos dirigentes da liga de Nova Iorque uma carta na que me pediam reorganizar a antiga Liga. Tardei um ano em contestar-lhes e finalmente disse-lhes que desde 1852 não estou ligado a nenhuma organização e tenho o conhecimento profundo de que o meu trabalho teórico é bem mais benéfico para a classe operária que a participação em organizações cujo tempo passou no continente [...]. Se o teu és poeta, eu sou crítico, e a verdade seja dita, basta com a experiência de 1850-1852. A Liga, o mesmo que a société des saisons (Sociedade das Estações) e que centenas de outras sociedades, são só episódios na história do partido que nasce espontaneamente, por todas as partes, da sociedade moderna. (...) Eu esforcei-me por dissipar o equívoco de que por "partido" percebia a liga, cuja existência terminou faz oito anos, ou a redacção de diário, que deixou de sair há dois anos. Por partido eu percebia o partido no grande sentido histórico do termo".

6- Manifesto inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores, K. Marx, 1864.

"A conquista do poder político veio a ser, portanto, o grande dever da classe operária. Assim parece o ter compreendido esta, pois na Inglaterra, na Alemanha, na Itália e na França, se viram renascer simultaneamente estas aspirações e se fizeram esforços simultâneos para reorganizar politicamente o partido dos operários. A classe operária possui já um elemento de triunfo: o número. Mas o número não pesa na balança se não está unido pela associação e guiado pelo saber. A experiência do passado ensinamos como o esquecimento dos laços fraternales que devem existir entre os trabalhadores dos diferentes países e que devem lhes incitar a se sustentar uns a outros em todas as suas lutas pela emancipação, é castigado com a derrota comum dos seus esforços isolados. Guiados por este pensamento, os trabalhadores dos diferentes países, que se reuniram em um mitin público em Saint Martin's Hall o 28 de setembro de 1864, resolveram fundar a Associação Internacional."

7- Instrução sobre diversos problemas aos delegados do Conselho Central Provisório, K. Marx. (1867)

1. ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE INTERNACIONAL

"O Conselho Central Provisório recomenda o plano de organização tal e como foi traçado nos Estatutos Provisórios. A experiência de dois anos prova o justo de dito plano e as possibilidades da sua adaptação aos diferentes países, sem prejuízo para a unidade de ação. Para o ano próximo recomendamos que Londres seja a sede do Conselho Central, já que a situação no continente não parece ser propícia para mudanças. Por suposto, os membros do Conselho Central serão eleitos pelo Congresso (§ 5 dos Estatutos Provisórios), com direito de cooptación. O Secretário Geral será eleito no Congresso por um ano e será o único membro pago da Associação. Propomos que se lhe paguem duas libras esterlinas por semana. A contribuição uniforme anual da cada indivíduo membro da Associação será de médio penique (quijá um penique). O preço do carnet de membro pagar-se-á aparte".

8- Resolução da conferência inaugural da AIT, Londres, K. Marx. 1871.

"Vistas as considerações dos Estatutos originais, onde se diz: A emancipação económica dos trabalhadores é o grande objetivo ao que qualquer movimento político deve subordinarse como um médio; Vista a Conferência inaugural da Associação Internacional de Trabalhadores (1864) que diz: "A conquista do poder político é pois o primeiro dever da classe operária"; Vista a Resolução do Congresso de Lausanne (1867). "A emancipação social dos Trabalhadores é inseparável da sua emancipação política".

Considerando também: Que contra este poder coletivo das classes possuidoras, o proletariado não pode atuar como classe mais que se constituindo ela mesma em partido político diferente, oposto aos velhos partidos formados pelas classes possuidoras; Que esta constituição do proletariado em partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e do seu fim supremo: a abolição das classes. Que a coalizão das forças operárias já obtida pelas lutas económicas tem de servir também de alavanca em mãos desta classe na sua luta contra o poder político e os seus exploradores; A Conferência lembra aos membros da Internacional: Que no estado militante da classe operária, o seu movimento económico e a sua ação política estão indissolivelmente unidos".

9- Sobre a ação política da classe operária. Ata feita pelo autor do discurso na sessão da Conferência de Londres, Friedrich Engels., 21 de setembro de 1871

"A abstenção absoluta em política é impossível; todos os jornais abstencionistas fazem também política. O quid da questão consiste unicamente em como a fazem e daí política fazem. Pelo demais, para nós a abstenção é impossível. O partido operário existe já como partido político na maioria dos países. E não seremos nós os que o destruamos pregando a abstenção. A experiência da vida atual, a opressão política a que submetem aos operários os governos existentes, tanto com fins políticos como sociais, lhes obrigam a dedicar à política, o queiram ou não. Pregar-lhes a abstenção significaria arrojá-los nos braços da política burguesa. A abstenção é completamente impossível, sobretudo após a Comuna de Paris, que colocou a ação política do proletariado à ordem do dia.

Queremos a abolição das classes. Qual é o meio para alcançá-la? A dominação política do proletariado. E quando em todas partes se entraram em acordo sobre isso, se nos pede que não nos misturemos na política! Todos os abstencionistas se chamam revolucionários e até revolucionários por excelência. Mas a revolução é o ato supremo da política; o que a quer, deve querer o meio, a ação política que a prepara, que proporciona aos operários a educação para a revolução e sem a qual os operários, ao dia seguinte da luta, serão sempre enganados pelos Favre e os Pyat. Mas a política a que tem que se dedicar é a política operária; o partido operário não deve se constituir como um adendo de qualquer partido burguês, senão como um partido independente, que tem o seu objetivo próprio, a sua política própria. As liberdades políticas, o direito de reunião e de associação e a liberdade da imprensa: estas são as nossas armas. E deveremos cruzar-nos de braços e abster-nos quando queiram nos tirá-las? Diz-se que toda ação política implica o reconhecimento do estado de coisas existente. Mas quando este estado de coisas nos dá meios para lutar contra ele, recorrer a eles não significa reconhecer o estado de coisas existente?"

10- K. Marx.- Carta a Friedrich Bolte em Nova York [Londres], 23 de novembro de 1871

A Internacional foi fundada para remplazar as seitas socialistas ou semisocialistas por uma organização real da classe operária com vistas à luta. Os Estatutos iniciais e o Manifesto Inaugural mostram-no a simples vista.

Por outra parte, a Internacional não podeira afirmar-se se o espírito de seita não fosse já calcado pela marcha da história. O desenvolvimento do sectarismo socialista e o desenvolvimento do movimento operário real encontram-se sempre em proporção inversa. As seitas estão justificadas (historicamente) enquanto a classe operária ainda não maturou para um movimento histórico independente. Mas assim que alcançou essa maturidade, todas as seitas se fazem essencialmente reaccionarias.

Por verdadeiro, na história da Internacional repetiu-se o que a história geral nos mostra em todas partes. O caduco tende a restabelecer-se e a manter as suas posições dentro das formas recém alcançadas. A história da Internacional também foi uma luta contínua do Conselho Geral contra as seitas e os experimentos de diletantes que tendiam a jogar raízes na Internacional contra o verdadeiro movimento da classe operária. Esta luta livrou-se nos congressos e, bem mais ainda, nas reuniões especiais do Conselho Geral com as diferentes secções. Como em Paris os proudhonistas (os mutualistas) figuravam entre os fundadores da Associação, tiveram, naturalmente, as rédeas nas suas mãos durante os primeiros anos. Posteriormente surgiram ali, como era lógico, grupos colectivistas, positivistas e outros que se opuseram a eles. [...]

O movimento político da classe operária tem como último objetivo, claro está, a conquista do poder político para a classe operária e a este fim é necessário, naturalmente, que a organização prévia da classe operária, nascida na sua própria luta económica, alcance certo grau de desenvolvimento.

Mas, por outra parte, todo o movimento no que a classe operária atua como classe contra as classes dominantes e trata das forçar «pressionando desde fora», é um movimento político. Por exemplo, a tentativa de obrigar mediante greves a capitalistas isolados a reduzir a jornada de trabalho em determinada fábrica ou ramo da indústria é um movimento puramente económico; pelo contrário, o movimento com vistas a obrigar a que se decrete a lei da jornada de oito horas, etc., é um movimento político. Por conseguinte, dos movimentos económicos separados dos operários nasce em todas partes um movimento político, isto é, um movimento da classe, cujo objeto é que se dê satisfação aos seus interesses em forma geral, isto é, em forma que seja compulsoria para toda a sociedade.

Conquanto é verdadeiro que estes movimentos pressupõem certa organização prévia, não é menos verdadeiro que representam um médio para desenvolver esta organização. Ali onde a classe operária não desenvolveu a sua organização o bastante para empreender uma ofensiva resolvida contra o poder coletivo, isto é, contra o poder político das classes dominantes, se deve, pelo menos, a preparar para isso mediante uma agitação constante contra a política das classes dominantes e adotando uma atitude hostil para esse poder. Em caso contrário, a classe operária será um

brinquedo nas suas mãos, como o demonstrou a revolução de setembro na França e como o está, até verdadeiro ponto, demonstrando o jogo que ainda hoje levam com sucesso na Inglaterra Gladstone e companhia".

11- Cartas a Bebel, F. Engels, 28 de outubro de 1882

"O desenvolvimento do proletariado realiza-se em todas partes no meio de lutas internas, e França, que está formando agora pela primeira vez um partido operário, não é uma exceção. Na Alemanha superámos a primeira etapa da luta interna, e esperam-nos outras. A unidade é algo muito bom enquanto seja possível, mas há coisas mais elevadas que a unidade. E quando, como Marx e eu, lutou-se mais duramente toda a vida contra os seudosocialistas que contra nenhum outro (porque só considerávamos à burguesia como a uma classe, e mal intervínhamos em conflitos com uma ou outra fração burguesa), não pode se lamentar muito que estoure a inevitável luta".

12- Sobre a história da Liga Comunista, Friedrich Engels, 12-26 de Novembro de 1885

"O movimento internacional do proletariado europeu e americano se tornou muito mais reforçada que não apenas a sua primeira forma estreita - a Liga Secreta - mas mesmo o seu segundo, infinitamente forma mais ampla - a céu aberto Associação Internacional dos Trabalhadores - tornou-se um obstáculo para ele, e que o simples sentimento de solidariedade com base no entendimento da identidade da posição de classe é suficiente para criar e manter unida uma ea mesma grande partido do proletariado entre os trabalhadores de todos os países e línguas. A Liga foi representada a partir de 1847 para 1852, e na época poderia ser tratada pelos filisteus sábios com um encolher de ombros, como as alucinações de loucos absolutos, como a doutrina secreta de alguns sectários dispersos, mas ela agora tem inúmeros adeptos em todos os países civilizados do mundo, Entre os condenados às minas da Sibéria, tanto quanto entre os garimpeiros da Califórnia, e fundador desta doutrina, o mais odiado, mais caluniado homem de seu tempo, Karl Marx, foi, quando ele morreu, o sempre procurado para-e conselheiro sempre disposta do proletariado, tanto do velho e do novo mundo."

13- Carta a Florence Kelly Wischnewetsky, Engels, janeiro de 1887

"Acho que o movimento norte-americano, precisamente neste momento, vê-se melhor desde o outro lado do oceano. No local, as desavenças pessoais e disputas locais devem escurecer grande parte da sua grandeza. E o único que realmente poderia retardar a sua marcha seria que se consolidassem essas diferenças. Em certa medida isto será inevitável, mas quanto menos ocorra tanto melhor. E os alemães são quem mais devem precaver-se contra isto.

A nossa teoria é uma teoria de desenvolvimento, não um dogma a aprender de cor e a repetir mecanicamente. Quanto menos se esmague aos norte-americanos desde afora e quanto mais a ponham a prova com a sua própria experiência -com ajuda dos alemães- tanto mais profundamente han incorporá-la à sua carne e ao seu sangue. Quando nós voltámos a Alemanha na primavera de 1848, unimo-nos ao Partido Democrático por ser este o único médio possível de chegar à classe operária; fomos a asa mais avançada desse partido, mas afinal de contas uma asa.

Quando Marx fundou a Internacional, redigiu as regras gerais de maneira que pudessem ingressar todos os socialistas operários dessa época: proudhonistas, lerouxistas e inclusive o setor mais avançado das trade unions inglesas; e foi só graças a esta amplitude que a Internacional chegou a ser o que foi: o médio para dissolver e absorver gradualmente a todas estas seitas secundárias, com exceção dos anarquistas, cujo repentino aparecimento em vários países não foi senão o efeito da violenta reação burguesa que aconteceu à Comuna e que por isso podíamos deixar que se murchassem sós, como ocorreu.

Se de 1864 a 1873 fizesse questão de trabalhar só com quem adotam largamente a nossa plataforma, onde estaríamos hoje? Acho que toda a nossa experiência mostrou que é possível trabalhar junto do movimento geral da classe operária na cada uma das suas etapas sem ceder ou ocultar a nossa própria posição e inclusive a nossa organização, e temo que se os germanoamericanos elegem uma linha diferente cometerão um grave erro".

14- O programa de Erfurt, Karl Kautsky , 1891

"Ao próprio tempo que o proletariado forma as suas primeiras organizações de resistência sobre o modelo das organizações gremiais dos oficiais, os seus primeiros meios de combate são nos sítios em que se apresenta em massa compacta, os mesmos que empregavam os oficiais operários: a posta no boicote e sobretudo a greve.

Mas o proletariado não pode limitar-se a estes procedimentos. À medida que as diferentes categorias das que se compõe se unem em uma classe operária única, as suas lutas devem tomar um carácter político; posto que, como no-lo diz o manifesto comunista, toda a luta de classe é uma luta política.

As necessidades da luta puramente económica forçam já aos operários a apresentar reivindicações políticas. Temos visto que o Estado moderno considera como um dos seus deveres principais impossibilitar a organização dos assalariados. Mas a organização secreta (clandestina) nunca poderá ser mais que um sucedâneo insuficiente da organização pública; e esta observação é verdadeira pelo simples facto da quantidade de massas que se pode reunir na cada caso. À medida que o proletariado desenvolve-se, aumenta a necessidade de liberdade para unir-se, para coaligarse.

Mas se se admite-se que é preciso que o proletariado constitua as suas organizações tão completamente como seja possível e que se sirva delas da maneira mais eficaz, a liberdade política per se só não é suficiente. (...)

Hoje em dia, nos grandes centros industriais trabalham milhares de operários e a maioria deles não conhecem pessoalmente mais que a alguns camaradas de trabalho, mas permanece estranha à massa dos seus colegas. Para fazer entrar em relação a essa massa, para acordar nela a consciência da sua comunidade de interesses, é preciso poder falar livremente e a liberdade de reunião e de imprensa são indispensáveis. Os oficiais não precisavam a imprensa. Para manter as suas pouco complicadas relações, bastavam-lhes as relações verbais. Mas atualmente é impossível, sem ajuda da imprensa, unir em organizações às massas enormes do salariado moderno e levar a uma ação comum(...).

Por tanto, lá onde a classe operária põe-se em movimento, lá onde trata de melhorar a sua situação económica, vemos que ao lado das reivindicações económicas ela põe igualmente reivindicações políticas, reclama a liberdade de reunião, de associação, de imprensa. Estas liberdades são muito importantes para a classe operária; elas fazem parte das suas condições de existência, são absolutamente indispensáveis para o seu desenvolvimento posterior. Achegam o ar e a luz ao proletariado. Qualquer que atente contra elas ou queira desviar aos trabalhadores da sua conquista e desenvolvimento, deve ser classificado entre os inimigos mais perigosos do proletariado, por muito que demonstre lhe querer, se chame anarquista ou socialista cristão".

15- Que fazer?, Vladimir Ilich Ulianov, Lenin, 1902

"A grande maioria dos sociais-democratas russos, nesses últimos tempos, foi quase inteiramente absorvida pela organização dessas denúncias de fábricas. (...) Essas denúncias (na condição de serem convenientemente utilizadas pela organização dos revolucionários) podiam servir de ponto de partida e de elemento constitutivo da ação social-democrata; mas também podiam (e até deviam, quando se inclinava diante da espontaneidade) conduzir à luta "exclusivamente profissional" e a um movimento operário, não social-democrata.

A social-democracia dirige a luta da classe operária, não apenas para obter condições vantajosas na venda da força de trabalho, mas, também, pela abolição da ordem social, que obriga os não possuidores a se venderem aos ricos. A social-democracia representa a classe operária em suas relações não apenas com um determinado grupo de empregadores, mas com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Consequentemente, portanto, os sociais-democratas não podem limitar-se à luta econômica, mas, também não podem admitir que a organização das denúncias econômicas constitua sua atividade mais definida. Devemos empreender ativamente a educação política da classe operária, trabalhar para desenvolver sua consciência política. (...)

Podemos nos limitar a difundir a idéia de que a classe operária é hostil à autocracia? Naturalmente, não. Não é suficiente esclarecer os operários sobre sua opressão política (como não o seria esclarecê-los sobre a oposição de seus interesses em relação aos de seus patrões). É necessário fazer a agitação a propósito de cada manifestação concreta desta opressão (como fizemos em relação às manifestações concretas da opressão econômica). Ora, como esta opressão se exerce sobre as mais diversas classes da sociedade, manifesta-se nos mais diversos aspectos da vida e da atividade profissional, civil, privada, familiar, religiosa, científica etc. etc., não se torna evidente que não realizaremos nossa tarefa que é desenvolver a consciência política dos operários, se não nos encarregarmos de organizar uma ampla campanha política de denúncia da autocracia? (...)

Será verdade que a luta econômica é, em geral, "o meio mais amplamente aplicável" para levar as massas à luta política? Isto é absolutamente falso. Todas as manifestações, quaisquer que sejam elas, da opressão policial e do arbitrarismo absolutista, e não apenas as ligadas à luta econômica, constituem um meio não menos "amplamente aplicável" para tal "integração". Por que os zemskie natchalniki e os castigos corporais infligidos aos camponeses, a corrupção dos funcionários e a maneira como a polícia trata a "plebe" das cidades, a luta contra os famintos, a campanha repelindo a aspiração do povo à instrução e à ciência, a extorsão dos impostos, a perseguição às seitas, o adestramento dos soldados e o regime de caserna imposto aos estudantes e aos intelectuais liberais - por que todas essas manifestações de opressão, e milhares de outras mais, não diretamente ligadas à luta "econômica", constituem em geral os meios e as ocasiões menos "amplamente aplicáveis" de agitação política, de integração da massa à luta política? Muito pelo contrário; na soma total dos casos cotidianos em que o operário sofre (ele próprio, ou os ligados a ele) a servidão, a

arbitrariedade e a violência, os casos de opressão policial que se aplicam precisamente à luta profissional não constituem, certamente, senão uma pequena minoria. (...)

Não é de se surpreender que, quando damos a esses homens o nome de "economistas", não lhes resta senão insultar-nos, chamando-nos de "mistificadores" e "desorganiza dores", e de, "núncios do papa" e "caluniadores", de se lamentar em diante de todos que lhes fizemos uma afronta atroz, e declarar em quase jurando a seus grandes deuses: "decididamente, hoje, nenhuma organização social-democrata está contaminada pelo economismo". Ali! esses caluniadores, esses políticos malévolos! Não terão eles inventado todo esse "economismo" para infringir às pessoas, por simples ódio à humanidade, afrontas atrozes? Qual é o sentido concreto, real da tarefa que Martynov atribui à social-democracia: "Conferir à própria luta econômica um caráter político"? A luta econômica é a luta coletiva dos operários contra os patrões, para vender vantajosamente sua força de trabalho, para melhorar suas condições de trabalho e de existência. Essa luta é necessariamente uma luta profissional, porque as condições de trabalho são extremamente variadas, de acordo com as profissões e, portanto, a luta pela melhoria de suas condições deve ser forçosamente conduzida pela profissão (pelos sindicatos no Ocidente, pelas uniões profissionais provisórias, por intermédio das "folhas volantes" na Rússia etc.). (...)

A luta econômica contra o governo" constitui exatamente a política sindical, que ainda se encontra muito e muito longe da política social-democrata. (...)

Ora, uma das condições essenciais para a extensão necessária da agitação política é organizar as revelações políticas em todos os aspectos. Somente essas revelações podem formar a consciência política e suscitar a atividade revolucionária das massas. Por isso essa atividade é uma das funções mais importantes de toda a social-democracia internacional, pois mesmo a liberdade política não elimina absolutamente as revelações; apenas modifica um pouco sua direção. Assim, o partido alemão, graças à constante energia com que prossegue sua campanha de revelações políticas, fortifica de modo particular suas posições e estende sua influência. A consciência da classe operária não pode ser uma consciência política verdadeira, se os operários não estiverem habituados a reagir contra todo abuso, toda manifestação de arbitrariedade, de opressão e de violência, quaisquer que sejam as classes atingidas; a reagir justamente do ponto de vista social-democrata, e não de qualquer outro ponto de vista. A consciência das massas operárias não pode ser uma consciência de classe verdadeira, se os operários não aprenderem a aproveitar os fatos e os acontecimentos políticos concretos e de grande atualidade, para observar cada uma das outras classes sociais em todas as manifestações de sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar praticamente a análise e o critério materialista a todas as formas da atividade e da vida de todas as classes, categorias e grupos de população. (...)

Quando se fala da precária preparação da maioria dos dirigentes atuais do movimento operário, não é possível deixar de lembrar, igualmente, a preparação nesse sentido, pois também ela é devida à compreensão "economista" da "estreita ligação orgânica com a luta proletária". Mas o principal, evidentemente, é a propaganda e a agitação em todas as camadas do povo. Para o social-democrata do Ocidente, essa tarefa é

facilitada pelas reuniões e assembléias populares assistidas por todos aqueles que o desejam, pela existência do Parlamento, onde fala diante dos deputados de todas as classes. Não temos Parlamento, nem liberdade de reunião, mas, contudo, sabemos organizar reuniões com os operários que desejam ouvir um social-democrata. (...)

Se para o social-democrata a idéia de "luta econômica contra os patrões e o governo" identifica-se à de luta política, é natural que a idéia de "organização de operários" identifique-se, entre eles, mais ou menos à idéia de "organização de revolucionários". E, na realidade, é o que acontece, de modo que falando de organização, falamos línguas absolutamente diferentes. (...)

A luta política da social-democracia é muito maior e muito mais complexa que a luta econômica dos operários contra os patrões e o governo. Do mesmo modo (e como consequência) a organização de um partido social-democrata revolucionário deve necessariamente constituir um gênero diferente da organização dos operários para a luta econômica. A organização dos operários deve ser, em primeiro lugar, profissional; em segundo lugar, a maior possível; em terceiro lugar, a menos clandestina possível (aqui e mais adiante refiro-me, bem entendido, apenas à Rússia autocrática). Ao contrário, a organização dos revolucionários deve englobar, antes de tudo e principalmente, homens cuja profissão é a ação revolucionária (por isso, quando falo de uma organização de revolucionários, refiro-me aos revolucionários sociais-democratas). Diante dessa característica comum aos membros de tal organização, deve desaparecer por completo toda distinção entre operários e intelectuais e ainda com maiores razões, entre as diversas profissões de uns e de outros. Necessariamente essa organização não deve ser muito extensa, e é, preciso que seja o mais clandestina possível."

16- O Estado e a Revolução, Lenin, setembro de 1917

"1. Onde Reside o Heroísmo da Tentativa dos Comunardos

Como se sabe, alguns meses antes da Comuna, no outono de 1870, Marx, vendo de sobreaviso os operários parisienses contra o perigo, demonstrava-lhes que qualquer tentativa para derrubar o governo era uma tolice ditada pelo desespero. Mas quando, em março de 1871, a batalha decisiva foi imposta aos operários e estes a aceitaram, quando a insurreição se tornou um fato consumado, Marx saudou com entusiasmo a revolução proletária. Apesar dos seus sinistros prognósticos, Marx não teimou em condenar por pedantismo um movimento "premature", como o fez o renegado russo do marxismo Plekhanov, de triste memória, cujos escritos instigadores e encorajavam à luta os operários e camponeses em novembro de 1905, e que, depois de dezembro de 1905, gritava como um verdadeiro liberal: "Não deviam pegar em armas!"

Marx não se contentou em entusiasmar-se com o heroísmo dos comunardos, "tomando o céu de assalto" segundo a sua expressão. Muito embora o movimento revolucionário das massas falhasse ao seu objetivo, Marx viu nele uma experiência histórica de enorme importância, um passo para a frente na revolução proletária universal, uma tentativa prática mais importante do que centenas de programas e argumentos. Analisar essa experiência, colher nela lições de tática e submeter à prova a sua teoria, eis a tarefa que Marx se impôs.

A única "correção" que Marx julgou necessário introduzir no Manifesto Comunista, ele a fez, segundo a experiência revolucionária dos comunardos de Paris. O último prefácio do Manifesto Comunista, assinado conjuntamente pelos dois autores, data de 24 de junho de 1872. Karl Marx e Friedrich Engels dizem ali que o programa do Manifesto "está hoje envelhecido em alguns pontos".

A Comuna, especialmente, demonstrou que "não basta a classe operária apoderar-se da máquina do Estado para adaptá-la aos seus próprios fins".

As últimas palavras entre aspas dessa citação foram tiradas da obra de Marx: A Guerra Civil em França. Assim, Marx e Engels atribuíam tão grande importância a uma das lições fundamentais da Comuna, que a introduziram, como modificação essencial, no Manifesto Comunista.

É bastante característico que seja justamente essa modificação essencial o que os oportunistas deturpam, a tal ponto que sem dúvida os nove décimos, se não os noventa e nove centésimos dos leitores do Manifesto, não perceberam seu alcance. Desta deformação falaremos num dos capítulos seguintes, consagrado especialmente às deformações. Aqui, bastará salientar a "interpretação" corrente, vulgar, da famosa fórmula de Marx por nós citada, segundo a qual a idéia acentuada por Marx seria a do desenvolvimento lento em oposição à conquista do poder, etc.

Na realidade, é justamente o contrário. A idéia de Marx é que a classe operária deve quebrar, destruir a "máquina do Estado", não se limitando apenas a assenhorear-se dela. (...)

Essas palavras - "quebrar a máquina burocrática e militar do Estado" - condensam a grande lição do marxismo a propósito do papel do proletariado revolucionário com relação ao Estado. E é precisamente esta lição que se esquece completamente e que a "interpretação" dominante do marxismo, obra de Kautsky, deturpa completamente! (...)

2. Por Que Deve Ser Substituída a Máquina do Estado, Depois de Destruída?

No Manifesto Comunista, em 1847, Marx ainda não dava a essa pergunta senão uma resposta completamente abstrata; ou melhor, limitava-se a enunciar o problema sem precisar os meios de o resolver. Substituir a máquina do Estado pelo "organização do proletariado como classe dominante", pela "conquista da democracia", tal era a resposta.

Para não cair na utopia, Marx esperava da experiência de um movimento de massas a resposta à questão de saber que formas concretas tomaria essa organização do proletariado em classe dominante e de que modo essa organização se conciliaria com uma inteira e metódica "conquista de democracia".

Na Guerra Civil em França, Marx submete a uma análise das mais atentas a experiência da Comuna, malgrado a debilidade desta. Citaremos os pontos principais dessa obra:

No século XIX desenvolvia-se, transmitido pela Idade Média, "o poder centralizado do Estado, com os seus órgãos onipresentes: exército permanente, polícia, burocracia, clero, magistratura". Graças ao desenvolvimento do antagonismo de classes entre o Capital e o Trabalho, "o poder do Estado assumiu cada vez mais o caráter de uma força pública organizada para a servidão social, de um instrumento de despotismo de uma classe. Toda revolução que marque uma etapa da luta de classes ressalta, com um relevo cada vez maior, o caráter repressivo do poder do Estado". Depois da revolução de 1848-49, o poder do Estado torna-se "o grande instrumento nacional da guerra do Capital contra o Trabalho". O segundo Império não fez senão consolidá-lo.

"A Comuna foi o antípoda do Império". Foi uma forma "positiva", uma "República que devia suprimir não só a forma monárquica da dominação de uma classe, mas essa própria dominação".

Em que consistia essa forma "positiva" de República proletária socialista? Que espécie de Estado começou a Comuna a criar?

O primeiro decreto da Comuna suprimiu, pois, o exército permanente e substituiu-o pelo povo armado.

Essa reivindicação encontra-se, hoje, no programa de todos os partidos que se dizem socialistas. Mas, vê-se o que valem os programas dos nossos mencheviques, que, apoia a revolução de março, se recusaram precisamente a satisfazer essa reivindicação. (...)"

17- O esquerdismo, doença infantil do comunismo- Lenin, 1920

"A vanguarda proletária está ideologicamente conquistada. Isto é o principal. Sem isto não é possível dar sequer o primeiro passo para a vitória. Mas daí para o triunfo ainda falta uma grande distância a percorrer. Apenas com a vanguarda é impossível triunfar. Lançar a vanguarda sozinha à batalha decisiva, quando toda a classe, quando as grandes massas ainda não adotaram uma posição de apoio direto a essa vanguarda ou, pelo menos, de neutralidade simpática, e não são totalmente incapazes de apoiar o adversário, seria não só uma estupidez, como um crime. E para que realmente toda a classe, para que realmente as grandes massas dos trabalhadores e dos oprimidos pelo capital cheguem a ocupar essa posição, a propaganda e a agitação, por si, são insuficientes. Para isso necessita-se da própria experiência política das massas. Tal é a lei fundamental de todas as grandes revoluções, confirmada hoje com força e realce surpreendentes tanto pela, Rússia como pela Alemanha.(...)

A tarefa imediata da vanguarda consciente do movimento operário internacional, isto é, dos partidos, grupos e tendências comunistas, consiste em saber atrair as amplas massas (hoje, em sua maior parte, ainda adormecidas, apáticas, rotineiras, inertes) para essa sua nova posição, ou, melhor dizendo, em saber dirigir não só seu próprio partido, como também essas massas no período de sua aproximação, de seu deslocamento para essa nova posição. Se a primeira tarefa histórica (ganhar para o Poder Soviético e para a ditadura da classe operária a vanguarda consciente do proletariado) não podia ser cumprida sem uma vitória ideológica e política completa sobre o oportunismo e o social-chovinismo, a segunda tarefa, que é agora imediata e que consiste em saber atrair as massas para essa nova posição capaz de assegurar o triunfo da vanguarda na revolução, não pode ser cumprida sem liquidar o doutrinário de esquerda, sem corrigir completamente seus erros, sem desembaraçar-se deles".

18- Carta ao Congresso, Lenin, 1922-1923

"Eu recomendaria muito que neste Congresso se introduzissem muitas mudanças na nossa estrutura política.

Gostaria de expor-lhes as considerações que considero mais importantes.

Em primeiro lugar coloco o aumento do número de membros do CC a várias dezenas e inclusive a uma centena. Creio que se não emprendermos tal reforma, nosso Comitê Central se veria ameaçado de grandes perigos, caso o curso dos acontecimentos não seja de todo favorável para nós (e não podemos contar com isso).

Também penso em propor ao Congresso que dentro de certas condições se dê caráter legislativo às discussões da Gosplan, coincidindo neste sentido com o camarada Trotsky, até certo ponto e em certas condições.

Pelo que se refere ao primeiro ponto, ou seja, ao aumento do número de membros do CC, creio que isto é necessário tanto para elevar o prestígio do CC como para um trabalho sério com objetivo de melhorar nosso aparato e como para evitar que os conflitos de pequenas partes do CC possam adquirir uma importância excessiva para todos os destinos do partido.

Opino que nosso Partido está em seu direito de pedir à classe operária de de 50 a 100 membros do CC, e que pode receber dela sem colocar tensão demais em suas forças. Esta reforma aumentaria consideravelmente a solidez de nosso Partido e lhe facilitaria a luta que trava, rodeado de Estados hostis, luta que, ao meu modo de ver, pode e deve agudizar-se muito nos próximos anos. Parece-me que, graças a esta medida, a estabilidade de nosso Partido estaria mil vezes maior.

Lenin

23.12.22

Taquigrafado por M. V.

(...)

Continuação das notas.

26 de dezembro de 1922

A ampliação do CC até 50 ou inclusive 100 membros deve seguir, ao meu modo de ver, um fim duplo ou até triplo: quanto maior seja o número de membros do CC, mais pessoas aprenderão a realizar o trabalho deste e tanto menor será o perigo de divisão devido a qualquer imprudência. A incorporação de muitos operários ao CC ajudará aos operários a melhorar nosso aparato, que é péssimo. No fundo temos herdado do velho regime, posto que tem sido absolutamente impossível refazê-lo em um prazo tão curto, sobre tudo com a guerra, com a fome, etc. Por isso podemos contestar tranquilamente aos "críticos" um sorriso sarcástico ou com malícia nos assinalam os

defeitos de nosso aparato, que são pessoas que não compreendem nada as condições de nossa revolução. Em cinco anos é possível reformar o aparato em medida suficiente, sobretudo atendidas as condições em que foi gerada nossa revolução. Bastante é se em cinco anos termos criado um novo tipo de Estado em que os operários se colocam a frente dos camponeses contra a burguesia, o que, considerando as condições da hostil situação internacional, é uma obra gigantesca. Mas a consciência de que isto acontece não deve em modo algum fechar-nos os olhos ante o feito de que, em essência, tomamos o velho aparato do czar e da burguesia e que agora, ao vir a paz e cobrir o grau mínimo de necessidades relacionadas com a fome, todo o trabalho deve orientar-se à melhoria do aparato.

Segundo, imagino eu, algumas dezenas de operários inclusos no CC podem, melhor que quaisquer outros, entregarem-se à atividade de revisar, melhorar e refazer nosso aparato. A inspeção Operária e Camponesa, a quem pertencia em princípio esta função, tem sido incapaz de cumpri-la e unicamente pode ser empregada como "apêndice" ou como auxiliar, em determinadas condições, destes membros do CC. Os operários que passem a formar parte do CC devem ser preferivelmente, segundo meu critério, os que tem atuado um longo tempo nas organizações soviéticas (nesta parte da carta, o que digo dos operários se refere também por completo aos camponeses), porque neles estão arraigados já certas tradições e certos prejuízos com os que é desejável precisamente lutar.

Os operários que se incorporem ao CC devem ser, de preferência, pessoas que se encontrem por debaixo da capa dos que nos cinco anos passaram a ser funcionários soviéticos, e devem aliar-se mais com os simples operários e camponeses que, sem embargo, não entrem, direta ou indiretamente, na categoria dos exploradores. Creio que estes operários, que assistirão a todas as reuniões do CC e do Birô Político, que lerão todos os documentos do CC, podem ser quadros fiéis ao regime soviético, capazes, em primeiro lugar, de dar estabilidade ao próprio CC e, em segundo, de trabalhar realmente na renovação e melhoramento do aparato.

Lenin

26.11.22.

Taquigrafado por L. F."

19- 21 condições de admissão na III Internacional Comunista- II Congresso da III Internacional- Agosto de 1920

"O Primeiro Congresso (constituente) da Internacional Comunista não elaborou as condições precisas de admissão dos Partidos na organização. Quando ele foi convocado, na maioria dos países havia apenas tendências e grupos comunistas.

O Segundo Congresso Mundial da Internacional Comunista está se reunindo em outras circunstâncias. Agora, na maioria dos países, já existem não somente correntes e tendências, mas também partidos e organizações comunistas.

Cada vez mais partidos e grupos que até recentemente pertenciam à II Internacional estão se voltando agora para a Internacional Comunista e desejam aderir a ela, sem por isso terem realmente se tornado comunistas. A II Internacional está definitivamente arruinada: os partidos intermediários e os grupos "centristas", percebendo a situação desesperadora dessa organização, buscam se apoiar na cada vez mais forte Internacional Comunista, esperando, porém, conservar uma "autonomia" que lhes permita manter sua antiga política oportunista ou "centrista".

O desejo de certos grupos dirigentes "centristas" de aderir à III Internacional nos confirma indiretamente que ela conquistou as simpatias da imensa maioria dos trabalhadores conscientes do mundo inteiro e constitui uma força que cresce a cada dia.

Nessas circunstâncias, a Internacional Comunista corre o risco de ser liquidada por grupos vacilantes e indecisos que ainda não romperam com a ideologia da II Internacional.

Além disso, em alguns Partidos importantes (italiano, sueco, norueguês, iugoslavo e outros) cuja maioria se coloca no plano comunista, ainda restam consideráveis alas reformistas e social-pacifistas que apenas esperam o momento de reerguer a cabeça para sabotar ativamente a revolução proletária, auxiliando, assim, a burguesia e a II Internacional. (...)

Em vista disso, o II Congresso Mundial julga necessário fixar condições absolutamente precisas de admissão de novos Partidos na Internacional Comunista e indicar ainda aos Partidos já filiados as obrigações que lhes cabem.

O II Congresso Mundial estabelece as seguintes condições de admissão na Internacional Comunista:

1. A propaganda e a agitação cotidianas devem ter um caráter efetivamente comunista e corresponder ao programa e às resoluções da III Internacional. Os órgãos de imprensa controlados pelo Partido devem ter a redação a cargo de comunistas fiéis, provavelmente devotados à causa proletária. A ditadura do proletariado não deve ser abordada como um simples chavão de uso corrente, mas preconizada de modo que

todo operário, operária, soldado e camponês comum deduzam sua necessidade dos fatos da vida real, mencionados diariamente em nossa imprensa.

As editoras partidárias e a imprensa, periódica ou não, devem estar inteiramente submetidas ao Comitê Central, seja o Partido como um todo atualmente legal ou não. É inadmissível que as editoras abusem de sua autonomia e sigam uma política que não corresponda à do Partido.

Nas páginas dos jornais, nos comícios populares, nos sindicatos, nas cooperativas e onde quer que os partidários da III Internacional encontrem livre acesso, é indispensável atacar de modo sistemático e implacável não somente a burguesia, mas também seus cúmplices, os reformistas de todos os matizes.

2. As organizações que desejam filiar-se à Internacional Comunista deve afastar de modo planejado e sistemático os reformistas e os “centristas” dos postos minimamente importantes no movimento operário (organizações partidárias, redações, sindicatos, bancadas parlamentares, cooperativas, municipalidades etc.) e substituí-los por comunistas fiéis, sem abalar-se com o fato de às vezes ser necessário, de início, trocar militantes “experientes” por operários comuns.

3. Em quase todos os países da Europa e da América, a luta de classes está entrando na fase da guerra civil. Em tais circunstâncias, os comunistas não podem confiar na legalidade burguesa e devem formar em toda parte um aparelho clandestino paralelo que possa, no momento decisivo, ajudar o Partido a cumprir seu dever perante a revolução. Nos países onde os comunistas, por conta do estado de sítio ou das leis de exceção, não possam atuar em total legalidade, é absolutamente indispensável combinar o trabalho legal e o clandestino.

4. O dever de propagar as ideias comunistas inclui a necessidade especial da propaganda persistente e sistemática nos exércitos. Nos lugares onde as leis de exceção proíbem essa agitação, ela deve ser realizada clandestinamente. Renunciar a essa tarefa equivale a trair o dever revolucionário e desmerecer a filiação à III Internacional.

5. É indispensável a agitação sistemática e planejada no campo. A classe operária não pode garantir sua vitória sem atrair ao menos uma parcela dos assalariados agrícolas e dos camponeses mais pobres e neutralizar com sua política uma parte dos setores rurais restantes. O trabalho comunista no campo está adquirindo atualmente a mais alta importância. (...)

6. Os Partidos que desejam filiar-se à III Internacional devem denunciar não somente o social-patriotismo aberto como também a falsidade e a hipocrisia do social-pacifismo, demonstrando sistematicamente aos trabalhadores que, sem a derrubada revolucionária do capitalismo, nenhuma corte internacional de arbitragem, nenhum tratado de redução de armamentos e nenhuma reorganização “democrática” da Liga das Nações livrará a humanidade de novas guerras imperialistas.

7. Os Partidos que desejam filiar-se à Internacional Comunista devem reconhecer a necessidade da ruptura completa e definitiva com o reformismo e o “centrismo” e preconizá-la entre o grosso da militância. Sem isso, torna-se impossível realizar uma política comunista consequente.

A Internacional Comunista exige de modo incondicional e categórico que se realize essa ruptura o mais rápido possível. Não se pode admitir que oportunistas notórios como, por exemplo, Turati, Kautsky, Hilferding, Hillquit, Longuet, MacDonald, Modigliani e outros tenham o direito de considerarem-se membros da III Internacional, o que a levaria a equiparar-se fortemente à falida II Internacional.

8. Na questão colonial e das nações oprimidas, é indispensável que tenham uma linha particularmente clara e precisa os Partidos dos países cuja burguesia possui colônias e oprime outros povos.

9. Os Partidos que desejam filiar-se à Internacional Comunista devem realizar uma atividade sistemática e persistente nos sindicatos, nos conselhos operários e industriais, nas cooperativas e em outras organizações de massas, onde é indispensável criar células que, após longo e persistente trabalho, ganhem-nas para a causa comunista. Inteiramente subordinadas ao conjunto do Partido, essas células devem, a cada passo de seu trabalho cotidiano, denunciar as traições dos sociais-patriotas e as hesitações dos “centristas”.

10. Os Partidos filiados à Internacional Comunista devem insistentemente lutar contra a “Internacional” Sindical Amarela de Amsterdã e preconizar entre os operários sindicalizados a necessidade de romper com ela. Esses Partidos devem apoiar, por todos os meios, a nascente unificação internacional dos sindicatos vermelhos que apoiam a Internacional Comunista.

11. Os Partidos que desejam filiar-se à III Internacional devem rever a composição de suas bancadas parlamentares, removendo os elementos desconfiáveis, submetendo-as ao Comitê Central do Partido não somente em palavras, mas também na prática, e exigindo que cada parlamentar comunista sujeite sua atuação aos interesses da propaganda e da agitação realmente revolucionárias.

12. Os partidos filiados à Internacional Comunista devem ser organizados segundo o princípio do “centralismo” democrático. No atual período de guerra civil encarniçada, um Partido Comunista só poderá cumprir seu dever se for organizado da maneira mais centralizada possível, se nele predominar uma disciplina férrea que beire a militar e se seu órgão central gozar de forte autoridade, de amplos poderes e da confiança unânime da militância.

13. Os Partidos Comunistas que atuam legalmente devem realizar depurações periódicas (recadastramentos) entre os efetivos de suas organizações para remover sistematicamente os inevitáveis elementos pequeno-burgueses.

14. Os Partidos que desejam filiar-se à Internacional Comunista devem apoiar incondicionalmente cada República Soviética em seu combate às forças

contrarrevolucionárias. Os Partidos Comunistas devem buscar continuamente convencer os trabalhadores a não transportar material bélico aos inimigos dessas Repúblicas, devem realizar uma propaganda legal ou clandestina entre as tropas enviadas para sufocar as repúblicas operárias etc.

15. Os Partidos que ainda mantêm seus velhos programas social-democratas devem revisá-los o mais rápido possível e elaborar um novo, afinado com as resoluções da Internacional Comunista e adaptado às particularidades nacionais. Como regra, os programas dos Partidos filiados devem ser aprovados pelo Congresso Mundial seguinte ou pelo Comitê Executivo da Internacional Comunista. Caso este não aprove determinado programa, o Partido tem o direito de recorrer ao Congresso Mundial.

16. Todas as resoluções dos congressos da Internacional Comunista, bem como as de seu Comitê Executivo, são obrigatórias para os Partidos e para filiados. Atuando em meio à mais encarniçada guerra civil, a Internacional Comunista deve ser organizada de forma muito mais centralizada do que a II Internacional. Além disso, o trabalho da Internacional Comunista e de seu Comitê Executivo deve evidentemente levar em conta as diferentes circunstâncias em que luta e atua cada Partido e só tomar decisões de obrigação geral nas questões em que isso seja realmente possível.

17. Conforme tudo o que foi exposto acima, os Partidos que desejam filiar-se à Internacional Comunista devem mudar seu nome para Partido Comunista de tal país (Seção da III Internacional Comunista). A questão do nome não é meramente formal, mas possui grande importância. A Internacional Comunista declarou uma guerra decidida contra o mundo burguês e os partidos social-democratas amarelos. É indispensável deixar completamente clara a todo trabalhador comum a diferença entre os Partidos Comunistas e os velhos partidos “social-democratas” ou “socialistas” oficiais que traíram a bandeira da classe operária.

18. Os órgãos dirigentes da imprensa partidária de todos os países devem publicar todos os documentos oficiais importantes do Comitê Executivo da Internacional Comunista.

19. Os Partidos filiados à Internacional Comunista ou que solicitaram sua filiação devem convocar o mais rápido possível, mas até quatro meses após o II Congresso Mundial, um congresso extraordinário para discutir internamente estas condições. Além disso, os Comitês Centrais devem cuidar para que todas as organizações de base conheçam as resoluções do II Congresso da Internacional Comunista.

20. Os Partidos que gostariam de filiar-se agora à III Internacional, mas ainda não mudaram radicalmente sua antiga tática, devem cuidar para que, até sua filiação, não menos de 2/3 de seu Comitê Central e de seus principais órgãos centrais sejam compostos por camaradas que, antes do II Congresso da Internacional Comunista, já tenham se manifestado de forma aberta e inequívoca a favor do ingresso de seu Partido. O Comitê Executivo da III Internacional tem o direito de admitir exceções, inclusive no caso dos representantes “centristas” mencionados na condição 7.

21. Devem ser expulsos do Partido os membros que rejeitarem por princípio as condições e teses apresentadas pela Internacional Comunista.

O mesmo vale para os delegados do congresso extraordinário de cada Partido".

20- Antonio Gramsci. O partido e a revolução (L'Ordine Nuovo, 27 de dezembro de 1919.)

"O Partido Socialista, com a sua rede de secções (que nos grandes centros industriais são, à sua vez, o eixo de um compacto e potente sistema de círculos de bairro), com as suas federações provinciais, unificadas solidamente pelas correntes de ideias e de atividade que irradiam as secções urbanas, com os seus congressos anuais, que aplicam a soberania mais alta do partido, exercida pela massa dos inscritos através de delegações bem definidas e limitadas de poder, congressos convocados sempre para discutir e resolver problemas imediatos e concretos, com a sua direção, que emana diretamente do congresso e constitui o comité permanente executivo e de controlo, o Partido Socialista constitui um aparelho de democracia proletária que, na fantasia política pode facilmente ser visto como "instância".

O Partido Socialista é um modelo de sociedade "libertária", disciplinada voluntariamente, por mérito de um ato explícito de consciência; imaginar toda a sociedade humana como um colossal Partido Socialista, com os seus pedidos de admissão, não pode deixar de suscitar o preconceito contratual de muitos espíritos subversivos, educados mais em Juan Jacobo Rousseau e nas brochuras anarquistas, que nas doutrinas históricas e económicas do marxismo. A constituição da república russa dos sóviets funda-se sobre princípios idênticos àqueles sobre os que se funda o Partido Socialista; o governo da soberania popular russa funciona em formas sugestivamente idênticas às formas de governo do Partido Socialista. Não é para nada estranho que destes motivos de analogias e de aspirações instintivas nasça o mito revolucionário, por mérito do qual se concebe a instauração do poder proletário como uma ditadura do sistema de secções do Partido Socialista.

Esta conceção é pelo menos tão utópica como aquela que reconhece nos sindicatos e nas câmaras de trabalho, as formas do processo de desenvolvimento revolucionário. A sociedade comunista pode ser concebida só como uma formação "natural" aderente ao instrumento de produção e de intercâmbio; e a revolução pode ser concebida como o ato de reconhecimento histórico da "natureza" desta formação. O processo revolucionário identifica-se por tanto, somente com um movimento espontâneo das massas trabalhadoras, determinado pelo choque das contradições inerentes à convivência humana baixo um regime de propriedade capitalista. Aprisionadas na tenaza dos conflitos capitalistas, ameaçadas de uma condenação sem apelação à perda dos direitos civis e espirituais, as massas afastam-se das formas da democracia burguesa, saem da legalidade da constituição burguesa. (...)

O partido continua a ser a hierarquia superior deste movimento irresistível de massas, o partido exerce a mais eficaz das ditaduras, essa que nasce do prestígio, que é a aceitação consciente e espontânea de uma autoridade que se reconhece como indispensável para o lucro da obra empreendida. Terá grandes desordens se devido a uma conceção sectária do papel do partido na revolução pretende-se fixar em formas mecânicas de poder imediato o aparelho de governo das massas em movimento, pretende-se constreñir o processo revolucionário dentro das formas do partido; conseguir-se-á desviar uma parte dos homens, conseguir-se-á "dominar" a história;

mas o processo revolucionário real escapará ao controlo e à influência do partido, convertido inconscientemente em organismo de conservação. (...)

O sindicato e o partido, associações voluntárias, instrumentos de propulsão do processo revolucionário, "agentes" e "gerentes" da revolução; o sindicato que coordena as forças produtivas e imprime ao aparelho industrial a forma comunista; o Partido Socialista, modelo vivente e dinâmico de uma convivência social que uma a disciplina à liberdade e faz render ao espírito humano toda a energia e o entusiasmo de que é capaz."

21- Por uma renovação do partido socialista, Antonio Gramsci, 8 de maio de 1920

"O Partido Socialista assiste como espectador ao desenvolvimento dos acontecimentos, não tem nunca opinião própria que formular em dependência das teses revolucionárias do marxismo e da Internacional comunista, não lança nenhuma consigna que possam recolher as massas e que possa dar uma direcção-geral, unificar e concentrar a acção revolucionária. O Partido Socialista, como organização política da parte de vanguarda da classe operária, deveria realizar uma acção de conjunto capaz de situar a toda a classe operária em condições de conseguir a revolução e vencer de um modo duradouro. O Partido Socialista, constituído pela parte da classe operária que não se deixou deprimir nem prostrar pela opressão física e espiritual do sistema capitalista, senão que conseguiu salvar a sua autonomia e o seu espírito de iniciativa consciente e disciplinada, deveria encarnar a consciência revolucionária vigilante de toda a classe explodida. A sua tarefa consiste em atrair a atenção de toda a massa, em obter que as suas diretivas sejam diretivas de toda a massa, em conquistar a confiança permanente de toda a massa, para converter no seu script e cabeça reflexiva. Por isso é necessário que o partido viva sempre submergido na efetiva realidade da luta de classes desenvolvido pelo proletariado industrial e agrícola, que saiba compreender as diversas fases, os diversos episódios, as múltiplas manifestações dessa luta, com objeto de precisar a unidade da diversidade múltipla, com objeto de poder dar uma direcção real ao conjunto dos movimentos e infundir nas massas a convicção de que há uma ordem inmanente à horrível desordem atual, uma ordem que, uma vez organizado, regenerará a sociedade dos homens e fará com que o instrumento de trabalho seja adequado para satisfazer as exigências da vida elementar e do processo civil. Inclusive após o Congresso de Bolonha, o Partido Socialista continuou a ser um partido meramente parlamentar, que se mantém imóvel dentro dos estreitos limites da democracia burguesa, que se preocupa só das superficiais afirmações políticas de casta de governo; não adquiriu uma figura autónoma de partido característica do proletariado revolucionário e só do proletariado revolucionário".

22- Caderno do Cárcere nº 3, Antonio Gramsci, (1929-1935)

"Espontaneidade e direção consciente.

Podem-se dar várias definições da expressão "espontaneidade", porque o fenómeno ao que se refere é multilateral. Há que observar, por de repente, que a espontaneidade "pura" não se dá na história: coincidiria com a mecanicidade "pura". No movimento "mais espontâneo" os elementos de "direção consciente" são simplesmente incontrollables, não deixaram documentos identificáveis. Pode por isso dizer-se que o elemento da espontaneidade é característico da "história das classes subalternas", e até dos elementos mais marginais e periféricos dessas classes, os quais não chegaram à consciência da classe "para si" e por isso não suspeitam sequer que a sua história possa ter importância alguma, nem que tenha nenhum valor deixar dela restos documentais.

Existe, pois, uma "multiplicidade" de elementos de "direção consciente" nesses movimentos, mas nenhum deles é predominante nem ultrapassa o nível da "ciência popular" de um determinado estrato social, do "sentido comum", ou seja, da concepção do mundo tradicional daquele determinado estrato. (...)

Descurar --e ainda mais, desprezar-- os movimentos chamados "espontâneos", --ou seja, renunciar a dar-lhes uma direção consciente, a elevar a um plano superior inserindo na política, pode com frequência ter consequências sérias e graves. Ocorre quase sempre que um movimento "espontâneo" das classes subalternas coincide com um movimento reaccionario da direita da classe dominante, e ambos por motivos concomitantes: por exemplo, uma crise económica determina descontentamento nas classes subalternas e movimentos espontâneos de massas, por uma parte, e, por outra, determina complôs dos grupos reaccionarios, que se aproveitam da debilitación objetiva do governo para tentar golpes de estado. Entre as causas eficientes destes golpes de estado há que incluir a renúncia dos grupos responsáveis a dar uma direção consciente aos movimentos espontâneos para os converter assim em um fator político positivo. (..)

Os movimentos "espontâneos" dos estratos populares mais vastos possibilitam a chegada ao poder da classe subalterna mais adiantada pelo debilitamento objetivo do Estado. Este é um exemplo "progressivo", mas no mundo moderno são mais frequentes os exemplos regresivos. Conceição histórico-política escolástica e académica, para a qual não é real e digno senão o movimento consciente ao cento por cento e até determinado por um plano traçado previamente com todo o detalhe ou que corresponde (coisa idêntica) à teoria abstrata. Mas a realidade abunda em combinações do mais raro, e é o teórico o que deve identificar nessas raridades a confirmação da sua teoria, "traduzir" a linguagem teórica os elementos da vida histórica, e não ao revés, exigir que a realidade se apresente segundo o esquema abstrato. Isto não ocorrerá nunca e, por tanto, essa concepção não é senão uma expressão de pasividade".

23- Caderno do Cárcere nº 13, Antonio Gramsci, (1929-1935)

Dissemos anteriormente que na época moderna o protagonista do novo Príncipe não poderia ser um herói pessoal, senão um partido político, o determinado partido que na cada momento dado e nas diversas relações internas das diferentes nações tenta criar (e este fim está racional e historicamente fundado) um novo tipo de Estado. (...)

É necessária a ação política (em sentido estrito) para que se possa falar de "partido político"? No mundo moderno pode-se observar que em muitos países os partidos orgânicos e fundamentais, por necessidades de luta ou por outras razões, dividiram-se em frações, a cada uma das quais assume o nome de "partido" e ainda, de partido independente. Devido a isso com muita frequência o Estado Maior intelectual do partido orgânico não pertence a nenhuma de tais frações mas atua como se fosse uma força dirigente por completo independente, superior aos partidos e às vezes considerada assim pelo público. (...)

Quando se quer escrever a história de um partido político é necessário em realidade enfrentar toda uma série de problemas muito menos simples de quanto acha Robert Michels, por exemplo, que no entanto é considerado um especialista na matéria. Como deverá ser a história de um partido? Será a mera narração da vida interna de uma organização política, como nasce, os primeiros grupos que a constituem, as polémicas ideológicas através das quais se forma o seu programa e a sua concepção do mundo e da vida? Tratar-se-ia, em tal caso, da história de grupos restringidos de intelectuais e às vezes da biografia política de uma só personalidade. O enquadramento do quadro deverá ser, portanto, mais vasto e compreensivo.

Deverá-se fazer a história de uma determinada massa de homens que seguiu aos promotores, os sustentou com a sua confiança, com a sua lealdade, com a sua disciplina ou os criticou em forma "realista" se dispersando ou permanecendo passiva em frente a algumas iniciativas. Mas esta massa estará constituída somente pelos aderentes ao partido? Será suficiente seguir os congressos, as votações e o conjunto de atividades e de modos de existência com os quais uma massa de partido manifesta a sua vontade? Evidentemente, será necessário ter em conta o grupo social do qual o partido em questão é a expressão e a parte mais avançada. A história de um partido, em soma, não poderá ser menos que a história de um determinado grupo social. Mas este grupo não está isolado, tem amigos, afins, adversários, inimigos. Só do complexo quadro de todo o conjunto social e estatal (e frequentemente também com interferências internacionais) resultará a história de um determinado partido, pelo que se pode dizer que escrever a história de um partido não significa outra coisa que escrever a história geral de um país desde um ponto de vista monográfico, para sublinhar um aspeto característico. Um partido terá maior ou menor significado e peso, justamente na medida em que a sua atividade particular pese mais ou menos na determinação da história de um país.

Velaqui a razão pela que do modo de escrever a história de um partido deriva o conceito que se tem do que um partido é e deve ser. (...)

Quando um partido devém "necessário" historicamente? Quando as condições para o seu "triunfo", para o seu inevitável se transformar em Estado estão ao menos em via de formação e deixam prever normalmente o seu desenvolvimento ulterior. Mas em tais condições, quando se pode dizer que um partido não pode ser destruído pelos meios normais? Para responder é necessário desenvolver um raciocínio: para que exista um partido é preciso que coexistam três elementos fundamentais (isto é três grupos de elementos): 1) Um elemento indefinido, de homens comuns, meios, que oferecem como participação a sua disciplina e a sua fidelidade, mas não o espírito criador e com alta capacidade de organização. Sem eles o partido não existiria, é verdade, mas é verdade também que o partido não poderia existir "somente" com eles. Constituem uma força assim que existem homens que os centralizam, organizam e disciplinam, mas em ausência desta força cohesiva dispersar-se-iam e anular-se-iam em uma hojarasca inútil. Não é questão de negar que a cada um destes elementos possa se transformar em uma das forças de coesão, mas deles se fala precisamente no momento em que não o são e não estão em condições do ser, ou se o são atuam somente em um círculo restringido, politicamente ineficaz e sem consequência. 2) O elemento de coesão principal, centralizado no campo nacional, que transforma em potente e eficiente a um conjunto de forças que abandonadas a si mesmas ontariam zero ou pouco mais. Este elemento está dotado de uma potente força de coesão, que centraliza e disciplina e sem dúvida por causa disto está dotado igualmente, de inventiva (se se entende "inventiva" em uma verdadeira direção, segundo certas linhas de forças, certas perspectivas e também certas premissas). É verdade também que um partido não poderia estar formado somente por este elemento, o qual no entanto tem mais importância que o primeiro para a sua constituição. Fala-se de capitães sem exército, mas em realidade é mais fácil formar um exército que formar capitães. Tão é de modo que um exército já existente seria destruído se lhe chegassem a faltar os capitães, enquanto a existência de um grupo de capitães, conformes entre si, com fins comuns, não demora em formar um exército ainda onde não existe. 3) Um elemento médio, que articula o primeiro e o segundo, que os põe em contacto, não só "físico" senão moral e intelectual. Na realidade, para a cada partido existem "proporções definidas" entre estes três elementos e consegue-se o máximo de eficácia quando tais "proporções definidas" são alcançadas. (...)

A função de polícia de um partido pode ser, portanto, progressista ou regresiva; é progressista quando tende a manter na órbita da legalidade às forças reaccionarias desposeídas e a elevar ao nível da nova legalidade às massas atrasadas. É regresiva quando tende a oprimir as forças vivas da história e a manter uma legalidade superada, anti-histórica, transformada em extrínseca. Por outro lado, o funcionamento do partido em questão fornece critérios discriminatórios; quando o partido é progressista funciona "democraticamente" (no sentido de um centralismo democrático), quando o partido é regresivo funciona "burocraticamente" (no sentido de um centralismo burocrático). Neste segundo caso o partido é meramente executor, não deliberante; tecnicamente é um órgão de polícia e o seu nome de "partido político" é uma pura metáfora de carácter mitológico. "

24- Caderno do Cárcere nº 15, Antonio Gramsci, (1929-1935)

"Passado e presente. Uma das manifestações mais típicas do pensamento sectario (pensamento sectario é aquele pelo que não se consegue ver como o partido político não é só a organização técnica do partido mesmo, senão todo o bloco social ativo do qual o partido é o guia porque é a expressão necessária) é aquela pela que se considera poder fazer sempre certas ainda que a "situação político-militar" mude. Fulano lança um grito e todos aplaudem e se entusiasmam; ao dia seguinte, a mesma gente que aplaudiu e se entusiasmou ao ouvir lançar aquele grito, finge não ouvir, se afasta, etcétera; ao terceiro dia a mesma gente reprende a Fulano, insulta-o e inclusive atinge-o e denuncia-o. Fulano não entende nada; mas Beltrano que tem mandado a Fulano, reprende a Fulano por não ter gritado bem, ou por ser um miserável e um incapaz etcétera. Mengano está convencido de que aquele grito elaborado pelo seu excelentíssima capacidade teórica, deve sempre entusiasmar e arrastar, porque a sua camarilla os presentes seguem fingindo que se entusiasmam etcétera. Seria interessante descrever o estado de ânimo de estupor e [inclusive] de indignação do primeiro francês que viu rebelar ao povo siciliano das Vésperas".

25- Discurso na Constituição do Comité Central do Partido Comunista de Cuba, Fidel Castro, 3 de outubro de 1965

“E outro acordo ainda mais importante, no que se refere ao nome do nosso Partido. Primeiro fomos ORI, [Organizaciones Revolucionarias Integradas] nos primeiros passos da união das forças revolucionárias, com os seus aspetos positivos e os seus aspetos negativos; depois fomos Partido Unido da Revolução Socialista, que significou um progresso extraordinário, um extraordinário avanço na criação do nosso aparelho político. Esforço de três anos em que, da pedra inesgotável do povo, se extraíram inúmeros valores surgidos dentre as bichas dos nossos trabalhadores, para chegar a ser hoje o que somos em quantidade, mas sobretudo o que somos em qualidade. Mas Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba diz muito, mas não diz tudo; e Partido Unido dá ainda a ideia de algo que foi necessário unir, que lembra ainda um pouco as origens da cada qual. E como entendemos que já chegámos ao grau tal em que de uma vez por todas e para sempre tem de desaparecer todo o tipo de matiz e todo o tipo de origem que distinga a uns revolucionários de outros, e chegámos já no ponto afortunado da história do nosso processo revolucionário em que possamos dizer que só há um tipo de revolucionário, e já que é necessário que o nome do nosso Partido diga não o que fomos ontem, senão o que somos hoje e o que seremos amanhã, qual é, a julgamento de vocês, o nome que deve ter o nosso Partido? (APLAUSOS E EXCLAMAÇÕES DE: “Comunista!”) Qual é, companheiro? Um companheiro de aqui! (EXCLAMAÇÕES DE: “Comunista!”)

Pois esse é o nome que, interpretando o desenvolvimento do nosso Partido, da consciência revolucionária dos seus membros e dos objetivos da nossa Revolução, adotou no dia de ontem o nosso primeiro Comité Central.

E é muito correto, como explicávamos ontem aos colegas do Comité; a palavra comunista foi muito caluniada e muito detractada ao longo dos séculos. (...)

E todos os exploradores, todos os privilegiados, odiaram sempre a palavra comunista como se fosse um crime; anatematizaban a palavra comunista. E por isso quando Marx e Engels escreveram o seu Manifesto Comunista que dava origem a uma nova teoria revolucionária, a uma interpretação científica da sociedade humana e da história humana, eles diziam "um fantasma percorre a Europa, e é o fantasma do comunismo", porque como um fantasma, com verdadeiro medo, contemplavam as classes privilegiadas essas ideias. (...)

E é a palavra que simboliza a aspiração de uma grande parte da humanidade, e por ela hoje trabalham concretamente centos e centos de milhões de seres humanos. E dentro de 100 anos não terá honra maior, nem terá nada mais natural e lógico que se chamar comunistas (APLAUSOS).

Para uma sociedade comunista encaminhamo-nos. Se não querem os imperialistas caldo, pois dar-lhes-emos três xícaras de caldo (APLAUSOS). Doravante, senhores da UPI, e da AP, quando nos chamem “comunistas” saibam que nos chamam da maneira mais honrosa que possam chamar-nos (APLAUSOS).

26- O Partido com paredes de vidro, Álvaro Cunhal, 1985

"COMO SE AFIRMA A NATUREZA DE CLASSE

A natureza de classe do Partido afirma-se e revela-se na ideologia, nos objectivos, na composição social, na estrutura orgânica, no trabalho de massas e, de uma forma geral, em todos os aspectos da sua actividade.

Afirma-se e revela-se, em primeiro lugar, na *ideologia*, uma vez que o marxismo-leninismo é a ideologia da classe operária na época da passagem do capitalismo para o socialismo.

Como mostra a experiência internacional, o enfraquecimento da natureza de classe de um partido é acompanhado inseparavelmente pelo afastamento do marxismo-leninismo e o afastamento do marxismo-leninismo é acompanhado inseparavelmente pelo enfraquecimento da natureza de classe do partido.

No PCP o reforço ideológico e a actividade ideológica criativa na base do marxismo-leninismo caminharam sempre a par e passo com o reforço e a afirmação da sua natureza de classe.

A natureza de classe do Partido afirma-se e revela-se, em segundo lugar, *nos objectivos*, uma vez que a libertação da exploração capitalista e a construção do socialismo e do comunismo, embora correspondendo aos interesses das mais vastas massas populares e devendo obrigatoriamente ter em conta os interesses e aspirações do campesinato e das outras classes e camadas aliadas da classe operária, significam o ascenso da classe operária a classe dirigente e governante da sociedade, a liquidação da exploração capitalista da qual a classe operária é o principal objecto, a criação de uma nova sociedade correspondendo aos interesses, às necessidades e às aspirações da classe operária.

Como mostra a experiência internacional, quando enfraquece a natureza de classe de um partido comunista, logo se tende à revisão de objectivos essenciais, à adopção de objectivos reformistas, a um criticismo sistemático às experiências históricas na construção do socialismo.

O PCP define os objectivos na actual etapa da revolução, assim como em cada situação social e política concreta. Mas, inseparável da sua natureza e espírito de classe, mantêm-se sempre vivos no horizonte o objectivo e a perspectiva do socialismo e do comunismo.

A natureza de classe do Partido afirma-se e revela-se, em terceiro lugar, na *composição social*, uma vez que são operários a maioria dos membros do Partido. (...)

A natureza de classe do Partido afirma-se e revela-se, em quarto lugar, na *estrutura orgânica*, uma vez que as organizações no local de trabalho, designadamente as células de empresa, constituem a forma fundamental e prioritária da organização de base do Partido. A experiência internacional mostra numerosos casos em que decisões

de substituir as células de empresa pelas células de bairro, as células do local de trabalho pelas células do local de residência, atribuindo por vezes a organizações sociais ou políticas unitárias a direcção da actividade nas empresas, correspondem a um enfraquecimento ideológico e a um abandono de objectivos de classe dos partidos respectivos(...).

A natureza de classe do Partido afirma-se e revela-se, finalmente, no *trabalho de massas*, uma vez que a organização e a luta da classe operária (seja na defesa de interesses próprios seja na vanguarda da luta popular) constitui o eixo da actividade de massas do Partido. Isto não significa menor atenção nem menor cuidado por outras expressões do trabalho de massas, com o campesinato, com os intelectuais, com as outras classes e camadas antimonopolistas. Mas significa a atribuição à classe operária de um papel decisivo, que a realidade tem comprovado, como força motora e dinamizadora da movimentação e da luta do povo português".

"FORMAÇÃO DE UM PARTIDO OPERÁRIO INDEPENDENTE

século XIX, com o desenvolvimento da classe operária na sociedade capitalista, a sua luta, o seu movimento, a sua participação em revoluções democrático-burguesas, a par da formação de partidos de composição social operária mas efectivamente sob a direcção da burguesia, que se pôs na ordem do dia a criação de um partido verdadeiramente operário.

Coube a Marx e Engels a tarefa e a missão histórica de lançar as bases ideológicas fundamentais e empreender as medidas práticas para a criação de um tal partido.

A criação de um partido da classe operária esteve desde início ligada indissolivelmente à ideia da sua *independência de classe*. Na luta para a criação do partido da classe operária, Marx e Engels puseram em primeiro plano a noção da independência dos interesses, das aspirações e dos objectivos da classe operária e da independência do partido, como partido da classe operária. Verificando, através da experiência da revolução democrática de 1848, que o movimento operário na Alemanha tinha caído «sob o domínio e a direcção dos democratas pequeno-burgueses », Marx e Engels apelaram para «pôr termo a este estado de coisas», sublinhando que «tem de se estabelecer a independência dos operários». (Mensagem da Direcção Central à Liga dos Comunistas; cf. Marx/Engels, Obras Escolhidas em três tomos, Edições «Avante!»-Edições Progresso, t. 1, p. 178.)

O partido operário (insistiam) deve ser «o mais independente possível, para não ser outra vez, como em 1848, explorado e posto a reboque pela burguesia». (Cf. Ibidem, p. 179.)

Este traço característico fundamental do partido — a independência de classe — foi constantemente sublinhado pelos mestres do comunismo científico. «A política que é preciso fazer», sublinhou Engels, «é a política operária: é preciso que o partido operário seja constituído não como a cauda de qualquer partido burguês mas sim como partido independente, que tem o seu próprio objectivo, a sua própria política.»

(Discurso sobre a Acção Política da Classe Operária; cf. Marx/Engels, Obras Escolhidas em três tomos, Edições «Avante!»-Edições Progresso, t. 2, pp. 267-268.)

O objectivo da «constituição do proletariado em partido político » (Marx/Engels, Resolução do Congresso Geral de Haia, 1872; cf. Ibidem, p. 317), da «organização do proletariado como partido político independente» (Engels, Para a Questão da Habitação; cf. Ibidem, p. 386) foi uma das tarefas essenciais da luta revolucionária de Marx e Engels. Um documento fundamental e de alcance histórico imperecível sintetizou a base ideológica e a missão e os objectivos históricos do proletariado e do seu partido independente, da sua organização revolucionária de vanguarda: o Manifesto do Partido Comunista.

No prosseguimento e desenvolvimento da luta de Marx e Engels, coube a Lénine e aos comunistas russos o mérito, não só de lançarem as bases ideológicas e orgânicas mas de fundarem e levarem à vitória um verdadeiro partido revolucionário da classe operária. A «completa independência de classe» é de novo indicada por Lénine como traço característico fundamental (Obras Escolhidas em três tomos, Edições «Avante!»-Edições Progresso, t. 1, p. 452). «Um partido de classe do proletariado completamente independente» foi uma orientação central de Lénine para a criação do partido comunista. A independência de classe do partido — que se revela e afirma na independência política em relação à classe dirigente, na libertação da ideologia e fraseologia burguesa social-democrata, na afirmação da sua própria ideologia, do seu próprio programa, dos seus próprios objectivos, da sua própria acção — constitui, desde a formação dos primeiros partidos comunistas, um traço característico fundamental e prioritário".

27-As seis características fundamentais dum Partido Comunista, Álvaro Cunhal, 2001

O quadro das forças revolucionárias existentes no mundo alterou-se nas últimas décadas do século XX.

O movimento comunista internacional e os partidos seus componentes sofreram profundas modificações em resultado da derrocada da URSS e de outros países socialistas e do êxito do capitalismo na competição com o socialismo.

Houve partidos que renegaram o seu passado de luta, a sua natureza de classe, o seu objectivo de uma sociedade socialista e a sua teoria revolucionária. Em alguns casos, tornaram-se partidos integrados no sistema e acabaram por desaparecer.

Esta nova situação no movimento comunista internacional abriu na sociedade um espaço vago no qual tomaram particular relevo outros partidos revolucionários que, nas condições concretas dos seus países, se identificaram com os partidos comunistas em aspectos importantes e por vezes fundamentais dos seus objectivos e da sua acção.

Por isso, quando se fala hoje do movimento comunista internacional, não se pode, como em tempos se fez, colocar uma fronteira entre partidos comunistas e quaisquer outros partidos revolucionários. O movimento comunista passou a ter em movimento uma nova composição e novos limites .

Estes acontecimentos não significam que partidos comunistas, com a sua identidade própria, não façam falta à sociedade. Pelo contrário. Com as características fundamentais da sua identidade, partidos comunistas são necessários, indispensáveis e insubstituíveis , tendo em conta que assim como não existe um “modelo” de sociedade socialista, não existe um “modelo” de partido comunista.

Entretanto, com diferenciadas respostas concretas a situações concretas, podem apontar-se seis características fundamentais da identidade de um partido comunista, tenha este ou outro nome.

1ª - Ser um partido completamente independente dos interesses, da ideologia, das pressões e ameaças das forças do capital.

Trata-se de uma independência do partido e da classe, elemento constitutivo da identidade de um partido comunista. Afirma-se na própria acção, nos próprios objectivos, na própria ideologia.

A ruptura com essas características essenciais em nenhum caso é uma manifestação de independência mas, pelo contrário, é, em si mesma, a renúncia a ela.

2ª - Ser um partido da classe operária, dos trabalhadores em geral, dos explorados e oprimidos .

Segundo a estrutura social da sociedade em cada país, a composição social dos membros do partido e da sua base de apoio pode ser muito diversificada. Em qualquer caso, é essencial que o partido não esteja fechado em si, não esteja voltado para dentro, mas, sim voltado para fora, para a sociedade, o que significa, não só mas antes de mais, que esteja estreitamente ligado à classe operária e às massas trabalhadoras.

Não tendo isto em conta, a perda da natureza de classe do partido tem levado à queda vertical da força de alguns e, em certos casos, à sua autodestruição e desaparecimento.

A substituição da natureza de classe do partido pela concepção de um “partido dos cidadãos” significa ocultar que há cidadãos exploradores e cidadãos explorados e conduzir o partido a uma posição neutral na luta de classes – o que na prática desarma o partido e as classes exploradas e faz do partido um instrumento apêndice da política das classes exploradoras dominantes.

3ª - Ser um partido com uma vida democrática interna e uma única direcção central.

A democracia interna é particularmente rica em virtualidades nomeadamente: trabalho colectivo, direcção colectiva, congressos, assembleias, debates em todo o partido de questões fundamentais da orientação e acção política, descentralização de responsabilidades e eleição dos órgãos de direcção central e de todas as organizações.

A aplicação destes princípios tem de corresponder à situação política e histórica em que o partido actua.

Nas condições de ilegalidade e repressão, a democracia é limitada por imperativo de defesa. Numa democracia burguesa, as apontadas virtualidades podem conhecer, e é desejável que conheçam, uma muito vasta e profunda aplicação.

4ª - Ser um partido simultaneamente internacionalista e defensor dos interesses do país respectivo.

Ao contrário do que em certa época foi defendido no movimento comunista, não existe contradição entre estes dois elementos da orientação e acção dos partidos comunistas.

Cada partido é solidário com os partidos, os trabalhadores e os povos de outros países. Mas é um defensor convicto dos interesses e direitos do seu próprio povo e país. A expressão “partido patriótico e internacionalista” tem plena actualidade neste findar do século XX. Pode, na atitude internacionalista, incluir-se, como valor, a luta no próprio país e, como valor para a luta no próprio país, a relação de solidariedade para com os trabalhadores e os povos de outros países.

5ª - Ser um partido que define, como seu objectivo, a construção de uma sociedade sem explorados nem exploradores, uma sociedade socialista.

Este objectivo tem também plena actualidade. Mas as experiências positivas e negativas da construção do socialismo numa série de países e as profundas mudanças na situação mundial, obrigam a uma análise crítica do passado e a uma redefinição da sociedade socialista como objectivo dos partidos comunistas .

6ª - Ser um partido portador de uma teoria revolucionária, o marxismo-leninismo, que não só torna possível explicar o mundo, como indica o caminho para transformá-lo.

Desmentindo todas as caluniosas campanhas anticomunistas, o marxismo-leninismo é uma teoria viva, antidogmática, dialéctica, criativa , que se enriquece com a prática e com as respostas que é chamada a dar às novas situações e aos novos fenómenos. Dinamiza a prática, enriquece-se e desenvolve-se criativamente com as lições da prática".

28- Manual Político, Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC)

"1. Porque é que a nossa Organização de Luta pela Independência total da Guiné e Cabo Verde, sendo um Movimento de Libertação Nacional, se chama PAIGC?

Diz-nos o camarada Amílcar Cabral:

«O nosso Partido desenvolveu-se a partir da realidade da nossa terra e das exigências da luta, mas evidentemente alguns de entre nós conhecem certas experiências de partidos sobretudo em Portugal, na clandestinidade. Primeiro é necessário dizer que o conceito de partido não caiu do céu, ele é um resultado da luta de classes na própria Europa. Se adotámos a palavra partido foi porque, tendo em conta o futuro do nosso povo, nos convencemos de que era melhor falar de Partido do que de Movimento.

Em África não houve tais fenómenos que engendrassem partidos. Podemos pois dizer que trouxemos qualquer coisa de estranho introduzindo na nossa terra um partido, mas isto era necessário, assim como é necessária a charrua que não existe na nossa terra ou o trator que não resultou do desenvolvimento económico do nosso país.

O Partido é o instrumento de transformação da nossa sociedade, primeiro para expulsar da nossa terra o colonialismo, em segundo lugar, para construir o progresso do nosso país. Para nós, nas condições concretas do nosso país, tendo em conta as características sociais e culturais do nosso povo e da repressão permanente praticada pelos colonialistas portugueses, era necessário organizar este instrumento duma maneira muito sólida e nós reconhecemos que isso não seria possível se o Partido não fosse centralizado. Os fatos demonstraram que esta centralização era necessária. É a direção do Partido que comanda verdadeiramente as coisas e, a cada nível, há uma direção estreitamente ligada ao nível superior. Evidentemente, até à base as ordens devem ser respeitadas, após a sua discussão na disciplina. Por outro lado, a cada momento, procuramos também sondar, ouvir, conhecer tudo o que se passa na base para podermos tomar as medidas adequadas a cada situação.»

29- Resolução do XVIII Congresso do Partido Comunista da Grécia (KKE), fevereiro de 2008

"Conclusões sobre o papel do Partido Comunista no processo de construção socialista.

21. O papel indispensável do Partido no processo de construção socialista expressa-se na sua direcção do poder estatal da classe operária, na mobilização das massas para participarem neste processo.

A classe operária constitui-se como força dirigente deste novo poder estatal, principalmente e de forma fundamental através do seu Partido.

A luta pela criação e o desenvolvimento da nova sociedade é levada a cabo pelo poder operário revolucionário, com o Partido Comunista como seu núcleo dirigente, utilizando as leis motrizes da sociedade socialista-comunista. O ser humano, ao converter-se em dono dos processos sociais, passa gradualmente do reino da necessidade ao reino da liberdade. Daí surge o papel superior do factor subjectivo em relação a todas as formações socio-económicas precedentes, onde a actividade humana estava dominada pela aplicação espontânea das leis sociais baseadas no desenvolvimento espontâneo das relações de produção.

Consequentemente, a natureza científica e de classe das políticas do Partido Comunista é uma condição prévia fundamental para a construção socialista. Se estas características se perdem, instala-se o oportunismo, o qual, se não é atalhado a tempo, torna-se uma força contra-revolucionária.

A tarefa de desenvolver as relações comunistas de produção exige o desenvolvimento da teoria do comunismo científico através da utilização pelo PC do estudo científico dos objectivos de classe, do estudo das leis motrizes da formação socio-económica comunista. A experiência demonstrou que os partidos governantes, na URSS e noutros países socialistas, não cumpriram esta tarefa com êxito.

A consciência de classe de toda a classe operária não se desenvolve espontaneamente ou de forma uniforme. A elevação da consciência comunista das massas da classe operária determina-se sobretudo pelo fortalecimento das relações comunistas de produção e pelo grau de participação da classe operária na direcção do PC, que é o principal veículo para a difusão da consciência revolucionária entre as massas. Juntamente com esta base material deve implantar-se também o trabalho ideológico, o impacte do partido revolucionário que consolida o seu papel dirigente na medida em que mobiliza a classe operária a construir o socialismo.

A consciência da vanguarda deve ir sempre á frente da consciência formada à escala das massas entre a classe operária pelas relações económicas. Daí surge a necessidade para o partido de ter um alto nível teórico e ideológico, de não titubear na luta contra o oportunismo, não só nas condições de capitalismo, mas ainda mais nas condições de construção socialista.

22. A guinada oportunista que predominou desde os anos 50, depois da II Guerra Mundial, a gradual perda do papel revolucionário do partido, confirmam que o perigo de gestação de desvios na sociedade socialista nunca desaparece. Mais, para além do cerco imperialista e do seu inegável impacte negativo, a base social do oportunismo persiste enquanto persistirem formas de propriedade privada ou de grupo, enquanto persistirem relações mercadoria-dinheiro e diferenças sociais. A base material do oportunismo continuará a existir durante toda a duração da construção socialista e enquanto o capitalismo, especialmente os Estados capitalistas poderosos, existirem à face da Terra.

A nova fase aberta com a Segunda Guerra Mundial encontrou o Partido debilitado em termos ideológicos e de classe, com perdas massivas de quadros experimentados e curtidos na luta de classes, com debilidades teóricas para responder aos novos problemas que se agudizavam. Era vulnerável à luta interna que reflectia as existentes diferenças sociais. Nestas condições, a balança inclinou-se a favor da adopção de posições oportunistas e revisionistas que tinham sido derrotadas nas fases anteriores da luta interna.

A adopção de posições revisionistas e oportunistas pela direcção do PCUS e outros partidos comunistas acabou por transformar estes partidos em veículos que conduziram à contra-revolução nos anos 80.

O XIX Congresso (1952) destacou a subestimação destes e doutros sérios problemas no desenvolvimento do trabalho ideológico do Partido. Os dados oficiais revelam mudanças no número e composição dos militantes do Partido. No XVIII Congresso (Março de 1939), o PC tinha 1 588 000 membros de pleno direito e 888 814 candidatos. Durante a II Guerra Mundial o número de membros de pleno direito superava os 3 615 000 e os candidatos ultrapassavam os 5 319 000. Durante a guerra o PC perdeu 3 milhões de membros. No XIX Congresso em 1952, o PCUS contava 6 013 259 membros e 868 886 candidatos.

A guinada oportunista que teve lugar no XX Congresso (1956) do PCUS e a consequente perda das características revolucionárias do Partido, partido no governo que ao mesmo tempo era objecto de agressão imperialista, tornaram mais difícil o despertar e a união dos comunistas coerentes. Teve lugar uma luta nas fileiras do PCUS antes, durante [40] e depois do XX Congresso. O período em que Andropov foi Secretário-geral do Comité Central do PCUS (Novembro de 1982 a Fevereiro de 1984), que precedeu a perestroika, é demasiado breve para ser julgado definitivamente. Não obstante, em artigos e documentos do PCUS desse período fazem-se referências à necessidade de intensificar a luta contra as análises burguesas e reformistas relativas à construção do socialismo, bem como à necessidade de estar vigilantes perante as actividades subversivas do imperialismo.

As forças comunistas coerentes não foram capazes de denunciar a tempo a natureza traidora e contra-revolucionária da linha que prevaleceu no Plenário do CC de Abril de 1985 e no XXVII Congresso do PCUS (1986). A História demonstrou que no XXVIII Congresso (1990), na véspera do assalto final da contra-revolução, coexistiam no PCUS forças burguesas, oportunistas e comunistas. As forças comunistas não tiveram a força

para vencer, para evitar a vitória da contra-revolução apesar de terem oferecido resistência no XXVIII Congresso e mais à frente. Agruparam-se à volta da «Frente Unida do Povo Trabalhador da Rússia», elegeram candidatos para os lugares de Presidente e Vice-presidente da Rússia. Através do «Movimento pela Iniciativa Comunista» nas fileiras do PCUS tentaram a expulsão de Gorbachov do Partido por actividades anticomunistas.

Apesar desta resistência, não se formou a tempo uma vanguarda comunista revolucionária, com clareza política, ideológica e coesão, capaz de liderar a classe operária, ideológica, política e organizativamente frente à contra-revolução que se desenrolava. Inclusive, mesmo que não se tivesse podido deter a deriva, especialmente nos anos 80, é certo que a resistência tanto nos partidos de governo, como no movimento comunista internacional estaria a ter lugar em melhores condições, e que haveria melhores condições para superar a sua profunda crise.

O desenvolvimento e a prevalência das posições ideológicas revisionistas, as políticas oportunistas, a gradual erosão do PCUS e de outros partidos comunistas governantes, a degenerescência do carácter revolucionário do poder estatal e o pleno desenvolvimento e vitória da contra-revolução não eram inevitáveis.

Continuamos a investigar todos os factores que contribuíram para este desenvolvimento. Podem ser constatados os seguintes factores:

A) A deterioração do nível de educação política marxista na direcção dos partidos comunistas e no todo do Partido, dadas as condições específicas da guerra, as grandes perdas de quadros e o repentino incremento do número de membros do partido, entre outros resultados levou ao atraso do desenvolvimento da economia política do Socialismo.

- A relativa dependência que no começo do poder estatal comunista na URSS tinha de quadros administrativos e científicos de origem burguesa.

- A herança histórica da URSS do ponto de vista da amplitude do atraso pré-capitalista e o seu desigual desenvolvimento capitalista.

- É necessária mais investigação sobre as mudanças na composição de classe do Partido, na sua estrutura e funcionamento e no seu impacte a nível ideológico e nas características revolucionárias do Partido dos seus membros e quadros.

- As perdas massivas da Segunda Guerra Mundial e os sacrifícios na prosperidade social exigidos pela reconstrução do pós-guerra, sob as condições de concorrência com a reconstrução capitalista da Europa Ocidental, apoiada em grande medida pela capacidade e necessidade de exportação de capital dos EUA. · Problemas e contradições na assimilação dos países da Europa Oriental e Central do sistema socialista.

· O medo de uma nova guerra, devido às intervenções imperialistas na Coreia, etc., a Guerra Fria, o dogma Holstein sobre a Alemanha Ocidental (o não reconhecimento da RDA e a sua caracterização como «zona de ocupação soviética»).

B) A estratégia imperialista adaptou-se aos diferentes períodos do poder operário revolucionário (ataque imperialista directo em 1918 e 1941, começo da «guerra fria» em 1946), incluindo uma política diferenciada de relações diplomáticas e transações comerciais com alguns estados da Europa central e oriental, assim como uma mais directa pressão ideológica e política sobre a URSS. A política intervencionista do imperialismo internacional para com os países que construíam o socialismo utilizou o papel subversivo da social-democracia internacional.

A correlação de forças internacional durante a Segunda Guerra Mundial favoreceu o fortalecimento do oportunismo, que veio a prevalecer nos anos 50. A multifacetada pressão externa desde o princípio dos anos 40 adoptou as seguintes formas:

Ocupação imperialista alemã de uma parte importante da URSS.

Cerco imperialista sobre a URSS através da sua aliança forçada com os EUA e Grã-Bretanha.

Problemas na linha estratégica do movimento comunista internacional, especialmente nos partidos comunistas dos EUA e Grã-Bretanha, isto é, nos PC's das principais potências imperialistas, que se converteram em aliadas quando uma parte importante da URSS caiu sob ocupação alemã.

Pressão das forças pequeno-burguesas nas frentes de libertação e dos seus governos nos estados que se aliaram à URSS.

A pressão externa entremeou-se com a pressão interna das forças pequeno-burguesas (ou inclusive de quadros de origem burguesa na economia e na administração). A produção privada (individual) de mercadorias fortaleceu-se na URSS depois da Segunda Guerra Mundial, com a incorporação de novos territórios.

Tudo o que foi anteriormente dito são condições para o desenvolvimento do oportunismo, sob as quais teve lugar um grande crescimento do Partido e também uma perda de quadros e membros da Revolução. Há que estudar mais a evolução da composição social do Partido, das suas estruturas e dos processos internos (as razões para a postergação da realização de um Congresso) e a sua influência a nível ideológico e sobre as características revolucionárias do Partido no seu conjunto, membros e quadros".